



**Cosmovisão Escatológica
e Engajamento: Uma Defesa da**

Posição Pós-milenarista

Jairo Rivaldo da Silva

Revista Cristã
Última Chamada
Edição Especial n° 019



Cosmovisão Escatológica e Engajamento: Uma Defesa da **Posição Pós-milenarista**

Autor: Jairo Rivaldo da Silva

Contato com o autor: metanoiajeanswear@hotmail.com

**- Revista Cristã Última Chamada -
Edição Especial Nº 019**

Capa: imagens da internet.

O conteúdo deste e-book foi cedido gentilmente pelo autor.

Revista Cristã Última Chamada

Periódico *Revista Cristã Última Chamada*, publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail:

ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Londrina, Paraná,
Dezembro de 2014.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais. É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Índice_____

- Sobre o Autor e a Presente Obra ...04
- Dedicatória ...05
- Agradecimentos ...06
- Resumo ...07
- Abstract ...08
- **Introdução ...09**
- Capítulo 1_____
Arrebatamento e Engajamento ...15
- Capítulo 2_____
Reino de Deus e Engajamento ...26
- Capítulo 3_____
Cosmovisão Pós-milenarista e Engajamento ...50
- **Conclusão ...64**
- **Referências Bibliográficas ...66**
- **Escatologia como
você nunca viu ...72**

Sobre o Autor e a Presente Obra_____

Jairo Rivaldo da Silva é membro da Igreja Presbiteriana em Toritama, bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Evangélico Congregacional e graduando em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru.

COSMOVISÃO ESCATOLÓGICA E ENGAJAMENTO: UMA DEFESA DA POSIÇÃO PÓS-MILENARISTA é uma monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Evangélico Congregacional – Stec – Caruaru.

Dedicatória_____

À minha amada esposa Raabe e aos nossos filhos:
Sophia e Thomas, herança do Senhor.

Agradecimentos_____

Ao nosso Deus, pela graça e privilégio de servi-lo com a minha vida, à minha esposa pelos seus providenciais passeios noturnos com as crianças, a fim de que eu tivesse tempo para concluir esse trabalho. Ao presbítero Felipe Sabino de Araújo Neto, por divulgar o pós-milenarismo no Brasil através do portal monergismo e da editora monergismo. Ao pastor Alexandre Santos, pela orientação e apontamentos precisos, ao pastor Marcos Roberto pela revisão e correção dos erros ortográficos, bem como pelas pertinentes sugestões. Ao meu amigo, Pe. Jário Carlos da Igreja Ortodoxa Sérvia, pelo seu valioso trabalho de orientação metodológica. Aos meus amigos e irmãos de estudos, vocês são mais do que meros seminaristas, são como uma família para mim. Ao Seminário Congregacional em Caruaru, onde ingressei há quatro anos, e onde cresci no conhecimento do meu Senhor. A todos os professores, ao ex-diretor, pastor Magno, por ter me inspirado desde as primeiras aulas a encarar a teologia de forma séria, devocional e acadêmica. Ao atual diretor, pastor Bertoni Feliciano, pelo apoio e consideração. Em fim, a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho fosse escrito.

Resumo_____

O presente trabalho parte do pressuposto de que a cosmovisão escatológica é o ponto de partida para a nossa ação na sociedade. Sendo assim, analisaremos as principais correntes escatológicas e suas crenças fundamentais, a fim de demonstrar quais as consequências práticas de defendermos determinadas doutrinas. Por fim apresentaremos a cosmovisão pós-milenarista como uma base coerente para o engajamento social.

Palavras-chave: cosmovisão, pré-milenarismo, amilenarismo, pós-milenarismo, engajamento, mandato cultural, reino de Deus, escatologia.

Abstract_____

This paper assumes that the eschatological worldview is the starting point for our work in society. Thus, we analyze the main eschatological currents and their fundamental beliefs in order to demonstrate the practical consequence of defending certain doctrines. Finally we present the post-millennial worldview as a coherent basis for social engagement.

Keywords: worldview, premillennialism, amillennialism, post-millennialism, engagement, cultural mandate, God's kingdom, eschatology.

Introdução _____

Partindo do pressuposto de que ideias têm consequências, bem como de que todos nós agimos tendo como base uma cosmovisão, podemos afirmar que como cristãos aquilo em que acreditamos sobre o fim dos tempos (o que chamo de cosmovisão escatológica), motiva, de forma decisiva, o nosso *modus operandi* nesse mundo. Sendo assim, o presente trabalho trata da cosmovisão escatológica como embasamento para a nossa ação na sociedade.

De acordo com Abraham Kuyper, o conceito de cosmovisão pode ser definido como um “sistema de vida”.¹ Ronald Nash afirma que “em seus termos mais simples, cosmovisão é um conjunto de crenças sobre as questões mais importantes da vida.”² James W. Sire nos dá uma descrição completa da origem e do significado do termo cosmovisão. Segundo ele,

O termo é uma tradução do alemão *weltanschauung* e foi usado pela primeira vez por Immanuel Kant (1724-1804), mas só de passagem. No idealismo e romantismo alemão, foi amplamente usado “para designar um conjunto de crenças que fundamentam e moldam todo o pensamento e toda a ação humana”.³

Que a nossa cosmovisão, sobre determinado assunto, é a causa motriz para a nossa ação no mundo pode ser facilmente

¹ KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 19.

² NASH, Ronald. **Cosmovisões em Conflito**. Brasília: Editora Monergismo, 2012, p. 25.

³ SIRE, James W. **Dando nome ao Elefante: cosmovisão como um conceito**. Brasília: Editora Monergismo, 2012, p. 35.

constatado tanto na história de forma geral quanto na história da igreja. No livro *a República*⁴ Platão, preocupado com a cosmovisão que estava sendo ensinada aos jovens atenienses (jovens que posteriormente seriam soldados e que deveriam estar dispostos a morrer pela cidade), sugere que visões distorcidas sobre o hades (mundo dos mortos) não sejam ensinadas a esses jovens. De acordo com ele, o ensino de Homero sobre o mundo dos mortos como um lugar desprezível e como uma existência tediosa, afetaria diretamente a disposição dos soldados em dar a sua vida pela pátria.

No que diz respeito a história da igreja, em Atos 2, vemos os cristãos de Jerusalém vendendo as suas propriedades e, ao contrário do que muitos imaginam, isso não resultava de uma “super-espiritualidade” nem de um suposto “comunismo” presente na igreja primitiva; antes, isso era fruto de uma profunda confiança nas promessas de Cristo feitas em Mateus 24 de que Jerusalém seria destruída ainda naquela geração (Mt 24:34). A cosmovisão dos cristãos primitivos fez com que eles agissem daquela maneira.

Assim, duas questões básicas precisam ser respondidas. A primeira é o que é escatologia? A segunda, o que isso tem a ver com a vida prática dos cristãos? Estamos conscientes de que essas perguntas não possuem uma resposta simples. No que diz respeito à primeira pergunta, um estudioso moderno do Novo Testamento afirmou que existem “pelo menos dez sentidos do termo escatologia que são atualmente empregados no campo dos estudos neotestamentários”.⁵ Uma breve consulta do verbete “escatologia” em qualquer dicionário teológico nos remeterá ao que quase todas as pessoas estão acostumadas a dizer ou ouvir sobre o termo. Ou seja, que a escatologia está ligada ao estudo das últimas coisas, ao fim do mundo, ao estado eterno, a ressurreição, a imortalidade, etc.

O termo escatologia, segundo F. F. Bruce, é baseado em textos das Escrituras que falam sobre o que há de acontecer “nos

⁴ PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 74-78

⁵ WRIGHT, N. T. **A Ressurreição do Filho de Deus**. Santo André: Academia Cristã & Paulus, 2013, p. 63.

últimos dias” בְּאַחֲרֵי־יְמֵיָם (Is 2:2). Na septuaginta, bem como no Novo Testamento, a expressão refere-se aos “últimos tempos” ἔσχατου των χρόνων (1 Pe 1:20).⁶

Contudo, o termo escatologia não está exclusivamente relacionado ao futuro, nem tão pouco tem caráter primordialmente preditivo. É possível, mesmo no Antigo Testamento, percebermos o conceito de “Escaton” (fim, consumação) presente na criação. Gerard Van Groningen explica:

A escatologia foi iniciada no tempo ou nos atos da criação. O que foi começado no princípio, o cosmos, será completado no sentido de ser renovado e trazido ao seu estado de perfeição mais completo possível. Existe uma profunda e inseparável conexão entre criação e consumação, o começo e o fim.⁷

Esse conceito, presente não somente em Gênesis, mas em toda a Escritura, é derivado por consequência lógica, do conceito cristão de história. Enquanto para o mundo greco-romano a história é cíclica, para o cristianismo ela é linear. Ou seja, ela teve um início e, portanto, terá um fim. Entretanto, esse fim não deve ser interpretado como extinção, mas como renovação.

Se a história, como defende o cristianismo, dirige-se ao seu clímax, chegamos a nossa segunda questão, como devemos viver até lá? Será que podemos falar em termos de uma escatologia prática? De acordo com Gentry, a escatologia sempre está associada a nossa ação:

A tarefa prioritária da escatologia é explorar toda a revelação da infalível Palavra de Deus, de forma a discernir o divinamente ordenado, o

⁶ ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 34-35.

⁷ VAN GRONINGEN, Gerard. **Criação e Consumação**. Volume 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 29.

profeticamente revelado curso da história do mundo, desde a criação até a consumação, com vistas a provocar “um chamado à ação e obediência no presente”.⁸

No nosso tempo, temos constatado que existe um crescente interesse pela escatologia, interesse tão exacerbado que poderia ser definido nas palavras de Millard Erickson como *escatomania*.⁹ Essa mania pelo fim, surge principalmente dos círculos dispensacionalistas, bem como de *pessimilenistas*¹⁰ que leem as Escrituras a partir das notícias do dia. Contudo, o único aspecto prático enfatizado e produzido por esse interesse exacerbado, diz respeito ao que eles entendem por santidade pessoal – algo que poderia muito bem ser definido como isolamento do mundo. Contudo, como poderia ser diferente, visto que agimos tendo como base a nossa cosmovisão escatológica?

As consequências práticas dessa postura de acomodação, isolamento e dualismo são vistas claramente no discurso e na prática do evangelicalismo moderno. Kenneth Gentry, citando um dos “profetas” do isolacionismo cristão da atualidade, resume muito bem as consequências dessa cosmovisão:

“Cristo morreu por nós a fim de nos resgatar do presente século mau”. Estes versos nos mostram qual foco motivacional, e esperança devemos ter no presente tempo. Devemos viver com a expectativa constante de que a qualquer momento nosso Senhor aparecerá nessa terra. De fato, ele escreve, “o mundo vai endurecer progressivamente o coração contra o Evangelho e mergulhar-se em destruição”. Seu chamado aos cristãos é: “Deveríamos estar vivendo como

⁸ BOCK, Darrel L. **O Milênio**: três pontos de vista. São Paulo: Vida, 2005, p.13.

⁹ ERICKSON, Millard J. **Escatologia**: a polêmica em torno do milênio. 2ª edição. Vida Nova, 2010, p. 10-14.

¹⁰ Os que acreditam que as coisas piorarão até o fim.

pessoas que não esperam estar aqui por muito mais tempo”.¹¹

A explicação para a alienação dos cristãos atuais da sociedade é uma consequência lógica da sua cosmovisão escatológica. Para Robinson Cavalcante, “a expectativa das coisas futuras nos conduz a uma inação diante das coisas presentes; a realização na pós-história nos faz perder o sentido da história”.¹²

Se cremos que seremos raptados a qualquer momento, conforme Hal Lindsey e outros, não temos nenhum motivo para nos engajar numa reforma da sociedade. Na verdade, se nós formos coerentes, não temos nenhum motivo para trabalhar, negociar, governar, criar filhos e desfrutar de algum lazer, etc.

Sendo assim, nossa proposta será analisar as principais doutrinas das principais cosmovisões escatológicas, bem como as implicações práticas de nos atermos a elas. No primeiro capítulo, examinaremos a questão do “arrebatamento” e de como esse termo tem sido “espiritualizado” e mal compreendido pelo dispensacionalismo. Veremos que essa ideia de rapto secreto é algo que não condiz com o ensino de Cristo no “sermão profético”, nem tão pouco, com o ensino apostólico. Também alistaremos as consequências advindas da postura desse cristianismo espiritualizado frente à cultura e a sociedade em que ele está inserido.

No segundo capítulo, veremos como o nosso entendimento da expressão “Reino de Deus” (presente nas três principais posições escatológicas), bem como a nossa crença na sua presença ou ausência, afetam diretamente a nossa ação e engajamento no mundo.

¹¹ GENTRY, Kenneth. **He Shall Have Dominion**. Tyler, Texas: Wipf & Stock Publishers, 1992, p. 19. tradução minha.

¹² CAVALCANTE, Robinson. **Cristianismo e Política: teoria bíblica e prática histórica**. Viçosa: Ultimato, 2002, p.12.

No terceiro e último capítulo, faremos uma exposição da cosmovisão pós-mileniarista demonstrando a sua coerência interna, bem como a sua harmonia com a cosmovisão bíblica. Demonstraremos que a doutrina do mandato cultural, aliada a nossa vocação para sermos “um reino de sacerdotes”, é a base para o nosso engajamento social e também para uma “teologia da terra”.

Capítulo 1 _____

Arrebatamento e Engajamento

Há uma suposição geral entre os cristãos do Ocidente, que o motivo principal para alguém se tornar cristão é a garantia de poder “ir para o céu quando morrer”. Textos que não se referem ao céu muitas vezes são interpretados como referindo-se a ele, e textos que dizem o oposto, como Rm 8:18-25 e Ap 21-22 são simplesmente ignorados como se não existissem.

N. T. Wright

Por que será que temos visto um envolvimento tão tímido por parte dos cristãos na política, na educação, na cultura? Não existe uma maneira simples de respondermos a essa pergunta. Contudo, partindo do pressuposto de que a escatologia nos ajudará a entender a atual postura de isolamento por parte da grande maioria das denominações evangélicas, e de que esse isolamento é fruto de uma crença que todas essas denominações têm em comum – a crença no arrebatamento – nesse capítulo, analisaremos a crença na doutrina do “arrebatamento”, bem como às suas consequências práticas.

A teoria do arrebatamento começa a ser ensinada por volta de 1830 quando J.N. Darby, um destacado líder da comunidade dos irmãos livres de Plymouth, Inglaterra, passou a ensinar o que hoje conhecemos como “dispensacionalismo”. De acordo com o seu sistema, existem sete épocas na história da salvação desde a criação

do homem. Segundo Darby, a chave essencial para a compreensão do futuro encontra-se em Dn 9:24-27. As setenta semanas de Daniel se referem a 490 anos (70 x 7). As primeiras 69 semanas de anos foram cumpridas com a crucificação do Messias, encerrando, segundo Darby, a época em que Deus intencionava salvar tão somente o Israel étnico. Tendo os israelitas rejeitado o Messias, Deus fez o relógio escatológico parar. Nesse intervalo, Ele estabeleceu a igreja, algo nunca previsto no Antigo Testamento. A igreja seria um mistério revelado a Paulo e aos escritores do Novo Testamento. Terminado o “tempo da graça”, no qual os gentios de todas as nações são convidados a formar a igreja, acontecerá o arrebatamento (1 Ts 4:13-18). De acordo com o sistema doutrinário de Darby, esse evento ocorrerá sem aviso prévio e de maneira totalmente secreta.

Após esse acontecimento, o relógio de Deus será reativado, só que desta vez com a atenção de Deus novamente voltada para Israel. A 70ª semana de Dn 9 marcará os sete anos da “grande tribulação”. Segundo os dispensacionalistas modernos, brevemente o seguinte quadro será desenvolvido na história do mundo: em primeiro lugar, a nação de Israel estará no centro do plano divino. Os judeus reconstruirão o templo e reestabelecerão os sacrifícios. Segundo, um poder político internacional será exercido por um homem (o anticristo, a besta, o homem da iniquidade). Terceiro, o cristianismo apóstata se unirá a esse líder. Quarto, haverá um abandono da fé como nunca visto antes. E por último, a ira de Deus será derramada sobre o planeta terra, não restando “raiz nem ramo”.

É bem verdade que toda crença – e isso inclui a crença no arrebatamento – parte de um pressuposto. Nesse caso, os dispensacionalistas partem do pressuposto de que o método literal de interpretação de toda a Escritura é o único método que deve ser utilizado, e chegam as suas conclusões a partir desse método. Segundo J. Dwight Pentecost, “o arrebatamento pré-tribulacionista descansa essencialmente na premissa maior – o método literal de interpretação das escrituras. Como complemento necessário a isso, os

pré-tribulacionistas acreditam na interpretação dispensacionalista da Palavra de Deus”.¹³

Baseado no método literal de interpretação das Escrituras, os proponentes da doutrina do arrebatamento secreto definem o arrebatamento como sendo uma

Retirada brusca e sobrenatural da igreja deste mundo para que se una eternamente ao Senhor Jesus. Esse acontecimento ao qual dedica o Novo Testamento dois capítulos (1Co 15 e 1Ts 4), constituir-se-á num dos maiores milagres de todos os tempos, por abranger diversos fatos espantosos, inexplicáveis e incompreensíveis à lógica meramente humana. A ressurreição física e espiritual dos que morreram em Cristo, resultando em seres semelhantes aos anjos (Lc 20:30-34). A remoção violenta (este adjetivo revela-nos a verdadeira natureza do arrebatamento) e transformação dos salvos que estiverem vivos (1 Co 15:51-58); e a união mística e celestial a igreja com o Cordeiro de Deus (1 Ts 4:15-17).¹⁴

Embora afirmem que o método correto de interpretação das Escrituras seja o método literal, os pré-milenistas dispensacionalistas nem sempre o utilizam. Embora,

Aos seus leitores, os autores pré-milenistas dizem interpretar a Bíblia literalmente. Mas se você ler os seus livros, cenas com arcos, flechas e cavalos tornam-se futuras batalhas com tanques, helicópteros e aeronaves. A marca da besta se torna um chip de computador ou um código de barra. Os gafanhotos do abismo (Ap 9) supostamente se tornam ataques de helicópteros, e assim por diante.¹⁵

¹³ PENTECOST, J. Dwight. **Manual de Escatologia**. São Paulo: Editora Vida, 1998, p. 217.

¹⁴ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 39.

¹⁵ SCHWERTLEY, Brian. **A Ilusão Pré-Milenista**. Brasília: Editora Monergismo, 2006, p. 3-4.

Os proponentes da doutrina do arrebatamento secreto fazem distinção entre a segunda vinda de Cristo (parousia). Segundo Pentecost:

Devemos observar várias distinções entre o arrebatamento e a segunda vinda. Elas mostrarão que os dois acontecimentos não são vistos como sinônimos nas Escrituras. [...] 1) a translação compreende a retirada dos crentes, enquanto o segundo advento requer o aparecimento e manifestação do Filho. 2) Na translação os santos são levados nos ares, enquanto na segunda vinda Cristo volta à terra. 3) Na translação Cristo vem buscar sua noiva, enquanto na segunda vinda ele retorna com a noiva. 4) A translação resulta na retirada da igreja e na instauração da tribulação, enquanto a segunda vinda resulta na instauração do reino milenar [...].¹⁶

É bem verdade que mesmo alguns estudiosos pré-milenaristas¹⁷ rejeitam a doutrina da segunda vinda dividida em duas fases. As razões por que o fazem são as mesmas de todos os estudiosos sérios. Ou seja, trata-se de uma doutrina não ensinada nas Escrituras.

Diante do quadro pintado pelos dispensacionalistas, não é de admirar que uma religião escapista, com fortes contornos pietistas e individualistas tenha se estabelecido em todo o mundo. A respeito dessa religião, Gary North comenta:

A versão cristã da religião escapista é chamada às vezes de “pietismo”, mas as suas raízes teológicas podem ser encontradas desde a antiga heresia do misticismo. Em vez de proclamar o requisito de uma união ética com Jesus Cristo, o homem perfeito, o místico busca

¹⁶ PENTECOST, 1998, p. 229.

¹⁷ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

uma união metafísica com um deus monista e unificado. Na igreja primitiva, havia muitos tipos de misticismo, mas a religião rival, e a mais temida que infiltrou-se continuamente na igreja foi o gnosticismo. Essa heresia ensinava muitas doutrinas, mas a essência da fé gnóstica era o individualismo radical, a retirada da dimensão material e uma fuga para uma dimensão espiritual, mais pura e mais elevada por técnicas de manipulação tais como: o ascetismo, uma consciência mais elevada e a iniciação aos mistérios secretos.¹⁸

Para a maioria dos cristãos orientados por essa visão de mundo, os cristãos devem pensar apenas nas coisas que são de cima. Preocupar-se com alguma área que não seja eclesiástica é sinal de falta de fé ou mesmo de carnalidade. É esse tipo de pensamento que denominamos “espiritualização”. Esse é “um exemplo claro da influência da filosofia grega sobre a igreja. O abandono de uma teologia da terra. Porque para a filosofia grega a realidade é vista em termos de ideias abstratas ou formas, em vez da criação como obra de Deus”.¹⁹

A ideia moderna da igreja como uma comunidade peregrina, cuja cidadania é totalmente celestial, tem limitado a visão e a vocação da igreja. Gentry falando sobre essa tendência espiritualizante do cristianismo moderno, afirma que “ela vê a vocação da igreja mantendo-se totalmente separada da cultura contemporânea. De acordo com ele, o foco dessa visão está na cidadania celestial, vendo a igreja como uma comunidade peregrina que está de passagem por esse mundo em direção a um mundo superior”.²⁰

¹⁸ NORTH, Gary. **The Dominion Covenant**. 2ª ed. Tyler, Texas: Institute for christian economics, 1987, p. 63-64. tradução minha.

¹⁹ RUSHDOONY, R. J. **Systematic Theology**. volume 1. Vallecito, California: Ross House Books, 1994, p. 957. tradução minha.

²⁰ GENTRY, 1992, p. 124

A principal preocupação da igreja espiritualizada pode ser resumida da seguinte maneira: preocupação exclusiva com a salvação da alma. Por conta dessa preocupação reducionista, a questão do engajamento social sempre pareceu perigosa para os proponentes dessa corrente. De acordo com Charles C. Ryrie, o dispensacionalismo recente tem tentado corrigir essa postura alienante. Contudo, como ele mesmo afirma:

Minha própria agenda de prioridades é a seguinte: Primeiro, cultivar a santidade pessoal, segundo, espalhar o evangelho; terceiro, me envolver na edificação do corpo de Cristo; quarto, ter um estilo de vida caracterizado pela generosidade. [...] A redenção holística pode facilmente conduzir a produção de prioridades desequilibradas, se não erradas, quanto a ação política, agendas sociais e melhora das estruturas da sociedade.²¹

Um dos maiores equívocos dos defensores da doutrina do arrebatamento é interpretá-lo como sendo uma retirada desse mundo mau e caído, em direção a um mundo espiritual onde se viverá para sempre. Entretanto, o termo que descreve esse acontecimento é *parousia* (literalmente, presença), um termo que não foi usado aleatoriamente no Novo Testamento, pois

A palavra *parousia* evoca a cena conhecida a partir de muitos textos helenistas e romanos para descrever a visita de um rei ou imperador a uma cidade ou província. Quando o soberano se aproximava, os cidadãos saíam ao seu encontro, ainda a curta distância da cidade, não para uma região na zona rural, mas para escoltá-lo até a cidade. “o encontro do Senhor nos ares” não quer dizer recorrer a proteção segura contra esse mundo mau.²²

²¹ RYRIE, Charles C. **Dispensacionalismo**: ajuda ou heresia? São Paulo: A.B.C.A.R., 2004, p. 216.

²² WRIGHT, 2009, p. 78-79

O encontro com o Senhor não significa uma subida em direção ao “mundo espiritual” onde sempre viveremos, mas sim um encontro para retornarmos a esse mundo a fim de que ele seja restaurado como nos diz o capítulo 8 da epístola aos romanos.

Ao induzir os cristãos a crerem que o alvo principal da nossa caminhada é deixar esse mundo mal e viver eternamente como almas desencarnadas no céu, os pessimilenistas²³ conduzem os cristãos atuais a uma postura pessimista da sociedade, do ativismo cristão, e do futuro do planeta terra.

Em consequência, o que temos é um afastamento da cultura e do mundo. Essa indiferença é fruto de uma cosmovisão distorcida. Em nome de uma suposta espiritualidade e, muitas vezes, tendo erroneamente a igreja em seus primeiros dias como modelo inspirativo. Os cristãos indiferentes simplesmente agem de modo a evitar qualquer envolvimento ou confrontação com áreas como política, artes e educação. De acordo com Tom Wright:

A teologia do arrebatamento evita essa confrontação ao sugerir que os cristãos são milagrosamente removidos desse mundo perverso. Talvez por isso, essa teologia seja frequentemente gnóstica em sua tendência a uma espiritualidade dualista e pessoal e a uma postura política indiferente.²⁴

Muitas vezes essa postura se reveste de pietismo e se vale de escusas camufladas de ortodoxia protecionista. As desculpas utilizadas para um não envolvimento com questões desse mundo, fazem referência aos perigos do “evangelho social” e do humanismo religioso. Contudo, a conclusão lógica disso é que

²³ Por “pessimilenistas”, denominamos todas as correntes escatológicas que acreditam que o mundo piorará até a consumação.

²⁴ WRIGHT, N. T. **Surpreendido pela Esperança..** Viçosa, Minas Gerais: Ultmato, 2009, p. 151.

Muitos se apegam a ideia de céu não corpóreo, em uma existência eterna apenas na companhia de Deus. Daí resulta a seguinte estrutura moral:

1. O alvo é a felicidade final no céu, longe dessa vida de espaço, tempo e matéria.
2. Por meio da morte e ressurreição, Jesus conquistou o alvo para nós e nos apegamos a ele pela fé.
3. No presente, a vida cristã consiste em antecipar o estado não corpóreo e eterno pela prática da espiritualidade isolada, evitando a contaminação do mundo.²⁵

O anúncio da iminência do fim dos tempos e a falta de esperança em algum progresso do mundo acabam por levar o cristão a se isolar. O engajamento de acordo com esse tipo de cosmovisão, não passa de um engajamento na esfera privada, uma espécie de monasticismo eremita moderno. Esse tipo de religião não leva em conta a amplitude da fé crista. Como nos lembra Gary North:

O cristianismo produz bom fruto em cada área da vida. Nós não devemos limitar os efeitos da salvação de Deus somente na alma de cada indivíduo. A salvação da alma de cada pessoa redimida se estenderá a cada área da sua vida, e daí a toda a sociedade.²⁶

Outra consequência, diz respeito a ação e missão da igreja no mundo. Trata-se de um reducionismo da obra salvadora, bem como de um foco gnóstico na grande comissão. Como bem observou Gary North:

A batalha pela terra está acontecendo agora mesmo, mas a maioria dos cristãos não sabe nem se importam. Temos sido ensinados que isso realmente não importa. Fomos ensinados a crer que todos os interesses de Deus residem no céu e no futuro.²⁷

²⁵ WRIGHT, N. T. **Eu Creio. E Agora?** Viçosa, MG: Ultimato, 2012, p.75.

²⁶ NORTH, 1987, p. 12.

²⁷ *Ibid.*, p. 35.

Segundo os proponentes da teoria do arrebatamento, a missão da igreja consiste apenas em ser uma testemunha. Gentry nos fala sobre o entendimento equivocado da grande comissão por parte da maioria dos evangélicos. Segundo ele,

Alguns evangélicos tendem a entender que o comando [da grande comissão] não diz mais nada senão: “Em nenhuma parte do mundo deve ser omitida a divulgação do evangelho”. Consequentemente, isso significa que o propósito da igreja na presente época é apenas o de ser uma testemunha.²⁸

Contudo, ao contrário do que afirma o evangelicalismo pietista moderno, a grande comissão de Mt 28:18-20, não diz respeito exclusivamente a um engajamento em favor das almas dos homens. É necessário um entendimento mais abrangente da grande comissão, um entendimento que vá além da “obra da Igreja”. Gentry amplia a área de ação da grande comissão quando afirma:

Deus criou três instituições básicas na sociedade: a Igreja, a Família e o Estado. Um entendimento bíblico dessas três instituições, bem como suas respectivas funções e inter-relações é fundamental para o desenvolvimento de uma cosmovisão cristã. O cumprimento da grande comissão na história vai exigir não somente uma compreensão adequada de cada uma dessas instituições, mas também o nosso envolvimento em cada uma delas.²⁹

O ensino da grande comissão, é que a igreja cumpra o propósito de Deus para o homem como originalmente lhe foi ordenado em Gn 1:26-28. À medida que a igreja do Senhor discipular as nações pregando todo o Evangelho para a pessoa toda, como nos é revelado nas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos, surgirá, a partir de homens regenerados uma cultura piedosa que

²⁸ GENTRY, Kenneth L. **The Greatness of the Great Commission**. Tyler, Texas: Institute for Christian Economics 1993, p. 50. tradução minha.

²⁹ *Ibid.*, p. 110.

glorifique a Cristo em cada nação. Contudo, esse não é o enfoque dado à grande comissão nos círculos evangélicos da atualidade. O que encontramos é uma espécie de neo-platonismo, onde as almas são buscadas e o resto é desprezado. Como nos lembra Rushdoony:

Se cremos que o objetivo principal e final da vida cristã é o céu, ou a salvação das nossas almas, seremos indiferentes ante a história e o mundo ao nosso redor. Mas, se em termos de Mat 6:33, cremos que o Reino de Deus e a sua justiça devem ter prioridade em nossas vidas, então não teremos uma visão egocêntrica da salvação. Nossa salvação pessoal não é o foco e objetivo do evangelho, mas simplesmente o ponto de partida.³⁰

Com certeza, a grande comissão foi reduzida a uma “grande omissão” devido à hermenêutica equivocada da igreja pietista do século vinte. Graças à exegese pietista das Escrituras, a maioria de nós enxerga tudo em termos essencialmente individualistas.

No seu fantástico livro *The greatness of the Great commission*, Kenneth L. Gentry aborda a questão da amplitude e do alcance da grande comissão, ele nos mostra que não existe essa dicotomização defendida pelos pietistas modernos:

A grande comissão fala necessariamente tanto do estado presente (do nosso dever no mundo material) quanto do estado eterno (mostrando os meios da nossa entrada no céu). Em outras palavras, ela se refere a questões que envolvem corpo e alma.³¹

Sobre o conceito de salvação proposto na grande comissão bem como sobre a sua abrangência, Gentry afirma que “a salvação operada sobre a implementação da grande comissão não envolve

³⁰ RUSHDOONY, R. J. *O Plano de Deus para a Vitória*. Brasília: Monergismo, 2008, p. 13.

³¹ GENTRY, 1993, p. 08.

apenas uma entrada estatística no livro da vida, mas envolve também uma transformação central no ser do homem”.³²

³² Ibid., p. 59.

Capítulo 2_____

Reino de Deus e Engajamento

Na linguagem do Novo Testamento, “Reino de Deus” não diz respeito a um destino pós-morte, nem a escapar desse mundo para outro. Jesus está se referindo ao governo soberano de Deus “assim na terra como no céu”. Essa interpretação equivocada surgiu como resquício do platonismo e tem contaminado várias correntes do pensamento cristão, induzindo ao erro e fazendo-as supor que os cristãos devem desvalorizar tudo que diz respeito à vida presente, por considerá-la corrupta e vergonhosa.

N. T. Wright

É consenso entre os estudiosos da escatologia bíblica que o tema principal da mensagem de Jesus, bem como do Novo Testamento é o “Reino de Deus”. Contudo, quando se trata da definição do termo βασιλεία τοῦ θεοῦ (Reino de Deus) os estudiosos se dividem. Essa divisão quase sempre é resultado da cosmovisão escatológica do autor.

Não é nosso propósito apresentar todo o histórico do entendimento cristão acerca da expressão Reino de Deus, nem tão pouco relatar de maneira pormenorizada as diferentes compreensões dos estudiosos antigos e modernos acerca do tema. Entretanto, apresentaremos um esboço introdutório e “consensual” de alguns estudiosos a respeito desse importante tema e demonstraremos como

a nossa visão do Reino de Deus afeta diretamente a nossa presente ação no mundo.

Em primeiro lugar, cremos que a definição de “Reino de Deus” apresentada por Hoekema reflete em maior ou menor grau um consenso acerca do que seja o Reino de Deus. De acordo com ele,

O reino de Deus deve ser entendido como o reinado dinamicamente ativo de Deus na história humana através de Jesus Cristo, cujo propósito é a redenção do povo de Deus do pecado e dos poderes demoníacos, e o estabelecimento final dos novos céus e nova terra. Isto significa que o grande drama da história da salvação foi inaugurado e que a nova era foi instaurada. O reino não deve ser entendido como apenas a salvação de certos indivíduos ou mesmo como o Reino de Deus no coração do seu povo; não significa nada menos que o Reino de Deus sobre todo o seu universo criado.³³

Outra questão consensual acerca do Reino de Deus diz respeito ao que os estudiosos do assunto chamam de duplo aspecto do Reino. Nas palavras de George Eldon Ladd, “se há algum tipo de consenso entre a maioria dos estudiosos, este é que o Reino é, em sentido verdadeiro, tanto presente quanto futuro”.³⁴ Isso pode ser constatado na união dos conceitos veterotestamentário e neotestamentário unidos por Jesus na sua proclamação da chegada desse reino.

Herman Ridderbos, afirma que o Reino prometido no Antigo Testamento se funde com o conceito proclamado por Jesus no Novo Testamento. Segundo ele,

A tradição veterotestamentária da manifestação futura de Deus como Rei e a tradição dos judeus nos dias de Jesus provam a estreita ligação

³³ HOEKEMA, Anthony. **A Bíblia e o Futuro**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 57.

³⁴ LADD, *ibid.*, p.85.

existente entre a ideia do futuro Reino de Deus e a da personalidade por vir que, de maneira geral, pode ser indicada como o Messias. [...] Assim que cruzamos o portal do Novo Testamento, esse pensamento é confirmado, pois a introdução ao evangelho, de acordo com Lucas, contém o pensamento do Reino de Deus e da restauração de Israel sob a forma do anúncio do Messias-Rei (Lc 1. 32-33 – a mensagem do anjo a Maria).³⁵

Talvez esse seja o único ponto em que os estudiosos das mais diversas posições escatológicas concordem. A seguir, apresentaremos três maneiras de enxergar o “Reino de Deus”, e quais são as consequências dessas cosmovisões.

A primeira visão do Reino de Deus que apresentaremos é a visão de um reino futuro. Segundo um dos principais defensores dessa visão, “o reino messiânico somente terá início na segunda vinda de Cristo”³⁶.

Os dispensacionalistas são os principais expoentes dessa visão. Na grande maioria das vezes eles se baseiam em declarações isoladas do evangelho que supostamente negam a existência presente do Reino de Deus. Um exemplo disso é o texto de João 18:36, “Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui”.

Tendo como base essa declaração, bem como muitas passagens que nos remetem a um reino futuro de paz e comunhão sobre a Terra (Is 1:25-31; 2:1-22; Jr 23:5-8; Mq 4:1-4; Ez 34: 11-24; Zc 14:1-21; Jo 3:5, Ap 12:10, entre outras) que os pré-milenaristas

³⁵ RIDDERBOS, Herman. **A Vinda do Reino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 42.

³⁶ RYRIE, Charles C. **Teologia Básica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 593.

dispensacionalistas interpretam de forma literal e futura a expressão Reino de Deus.

De acordo com o pré-milenarista Craig A. Blaising:

A entrada no reino está no futuro (At 14. 22; 2 Pe 1. 11) Diz-se que a herança dos crentes está “guardada nos céus” porque Cristo está no céu. A cidade de Deus está no céu (Gl 4. 26; Fl 3. 20; Hb 12. 22). Essa cidade e herança virão com ele quando de seu retorno (Hb 2. 5; 13. 14). [...] Embora os crentes sejam agora um reino de sacerdotes (Ap 1. 6) eles ainda reinarão na terra (Ap 5. 10). Aquele que se assentou no trono do Pai (Ap 2. 21) irá (no futuro) reger as nações (Ap 19. 15).³⁷

Apesar dessa visão de um reino futuro ser uma característica peculiar do pré-milenarismo dispensacionalista, ela não é uma característica exclusiva dessa corrente de pensamento. Todas as correntes escatológicas pessimistas carregam essa cosmovisão. Cornelis Pronk (um autor amilenarista), num livro em que critica o neocalvinismo de Abraham Kuyper, afirma que “este reino é basicamente uma realidade escatológica, e até onde a sua plenitude é manifestada, ele ainda é uma realidade futura”.³⁸ Desse modo, a cosmovisão pré-milenarista chega a conclusão de que o reino de Deus será inaugurado de forma cataclísmica no futuro, visto que é visível que a iniquidade se multiplica (Mt 24:12) e que não há nenhuma evidência de um reino presente. Nas palavras de Carl Henry, “no fundamentalismo (evangelical), a tônica da teoria do adiamento é: ‘nenhum reino presente’, mas sim um reino futuro”.³⁹

Em decorrência disso, a primeira consequência dessa cosmovisão é uma consequência teológica. De acordo com os

³⁷ BLAISING, apud BOCK, p. 173.

³⁸ PRONK, 2010 (Edição Kindle) posição 237.

³⁹ HENRY, Carl F. H. **The Uneasy Conscience of Modern Fundamentalism**. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 1947, p. 42 tradução minha.

proponentes de um reino futuro, os reinos desse mundo ainda não pertencem ao Senhor e ao seu Cristo. Logo, conclui-se que satanás é o dono desse mundo. Contudo, esse ensino contraria flagrantemente todo o ensino da Escritura a respeito da soberania absoluta de Deus. Em primeiro lugar, precisamos diferenciar o reino providencial de Deus – que é o seu reinado soberano sobre cada evento histórico, seja ele bom ou mau – do reino Messiânico de Deus – que é o governo divino que despoja o poder do mal e assegura a redenção dos eleitos de Deus. O governo providencial de Deus é ensinado em várias passagens das Escrituras. Por exemplo, em Daniel 4:17 é dito que “[...] o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens”. Posteriormente, referindo-se ao reino messiânico (7:13-14) é dito que ao Filho do Homem foi dado “o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem”. Contudo, ignorando esse claro ensino das escrituras, e tendo satanás como o dominador desse mundo, os proponentes de um reino futuro agem conseqüentemente de acordo com essa crença.

Em recente entrevista a uma revista de cunho teológico, um proeminente líder pré-milenarista e dispensacionalista respondeu ao seguinte questionamento: “até que ponto você acha que os cristãos devem se envolver para ajudar a inaugurar o reino dos céus, agora na terra? Devemos tentar resgatar a nossa cultura? Ele respondeu: em primeiro lugar, a Bíblia não me diz que devo fazer isso. Eu não posso cristianizar essa cultura. O dono desse mundo é satanás – essa é a sua cultura. Ele é o deus desse século. Estou para pregar o evangelho.”⁴⁰

Outra consequência dessa cosmovisão está no reducionismo da missão da igreja. Se satanás reina, e se o seu reino está se expandindo a cada dia, a missão da igreja consiste em resgatar o maior número de almas possíveis:

⁴⁰ DON KOENING. Disponível em:

<http://www.thepropheticyears.com/wordpress/franklin-graham-gives-the-gospel-with-material-aid-rather-than-waste-gods-resources.html>> Acesso: 02/01/2014. tradução minha

A religião escapista exige uma fuga do mundo. Seus defensores podem esconder a sua verdadeira preocupação – que é o abandono sistemático de um mundo supostamente tão corrupto que não se pode fazer nada, a não ser ver a maldade cultural geral, apelando à sua responsabilidade moral de “compartilhar a Cristo com o mundo” ou “edificar a igreja” em vez de reedificar a civilização.⁴¹

Ao invés de compreender a grande comissão como um mandado para levar o reinado de Deus para todo o mundo – incluindo a cultura – essa abordagem isolacionista reduz a missão da igreja a ideia de converter o maior número possível de pessoas no menor tempo possível, visto que, a qualquer momento esse reino pode irromper no mundo de forma cataclísmica. De acordo com Pronk,

Se o tempo da segunda vinda de nosso Senhor tem algo a ver com a nossa atividade, este é o trabalho missionário que é enfatizado no Novo Testamento. Como o Senhor Jesus afirma em Mt 24:14, “Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo para testemunho a todas as nações; então virá o fim”.⁴²

Por essa razão, temos visto um envolvimento tão tímido dos cristãos na sociedade de forma geral. O notório afastamento da esfera social, não é outra coisa, se não um afastamento da função da igreja de ser “uma cidade sobre um alto monte”. Além disso, essa postura eremita da igreja tem feito ela se afastar da sua missão de ser “sal e luz”, visto que ela só poderá desempenhar esse papel na medida em que estiver engajada na sociedade. Por fim, uma última consequência é o abandono de uma doutrina Bíblica, o que, conseqüentemente, resultará numa prática divorciada do ensino das Escrituras. Refiro-me ao abandono sistemático da doutrina Bíblica do mandato cultural, ou mandato de domínio registrado em Gn 1:26-28.

⁴¹ NORTH, 1988, p. 65.

⁴² Ibid., posição 190.

O entendimento do mandato de domínio será fundamental para o avanço do reino de Deus e a transformação progressiva da sociedade. O homem precisa compreender (e ele só compreenderá isso em Cristo), que o seu chamado primordial é, nas palavras de Rousas Rushdoony, “um chamado do homem todo e de sua vida toda para o serviço total ao Senhor, onde quer que esteja, e seja qual for a sua vocação”.⁴³

O distanciamento do mandato de domínio, bem como o reducionismo desse conceito, são os grandes responsáveis pela inatividade dos cristãos na sociedade. Expoentes das posições escatológicas pessimistas tendem a limitar o domínio do homem apenas ao reino animal. De acordo com van Groningen, “o mandato cultural significa ter domínio sobre cultivar, desenvolver, participar e de gozar cada aspecto da vida”.⁴⁴

Não negamos que os aspectos enumerados por van Groningen façam parte do mandato cultural, entretanto, ele é muito mais amplo. O reformador João Calvino comentando o Salmo 8, especificamente onde se diz: “Todas as ovelhas e bois, bem como os animais do campo, as aves do céu e os peixes do mar, tudo quanto percorre as sendas dos mares [...]”, afirma que

Nesses versículos o salmista não pretendia oferecer uma enumeração completa de todas as coisas que estão sujeitas ao domínio do homem, e das quais ele falou em termos gerais no versículo precedente, senão que apenas apresentou um exemplo dessa sujeição só em parte; sim, ele escolheu especialmente aquela parte que oferece uma clara e manifesta evidência da verdade que ele pretendia

⁴³ RUSHDOONY, *Ibid.*, p. 530-531.

⁴⁴ HARRIET & GERARD van Groningen. **A Família da Aliança**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 175.

estabelecer, mesmo àqueles cujas mentes sejam incultas e de mínima apreensão.⁴⁵

No que, afinal, consiste esse domínio? Etimologicamente, a raiz verbal hebraica מְרָדָה (miridah) ocorre sempre em dois sentidos. Primeiro “pisar”, onde ocorre apenas uma vez (Jl 4:13), e o segundo sentido, que é o de “governar” que é usado cerca de 22 vezes no AT, sendo a primeira ocorrência o texto de Gn 1:26.⁴⁶ Segundo Rushdoony,

O homem foi criado à imagem de Deus e foi lhe dada uma ordem de subjugar a terra e ter domínio sobre ela (Gn 1:26, 27). Não somente é um chamado para homem exercer domínio, mas principalmente porque é parte da sua natureza fazer isso. Pelo fato de ser Deus o Senhor Soberano e o Criador absoluto, cujo domínio é total e cujo poder não tem limites, o homem criado à sua imagem, participa desse atributo.⁴⁷

O abandono desse mandato é fruto do apego dos cristãos modernos às escatologias da derrota, bem como a promessa de um suposto reino futuro. Uma cosmovisão que aguarda um estabelecimento futuro do Reino de Deus tenderá sempre a uma visão separatista e alienante da sociedade.

A segunda visão do Reino de Deus que esboçaremos é a visão amilenarista. **“Os amilenistas interpretam o milênio mencionado em Apocalipse 20:4-6 como descrevendo o reinado presente das almas dos crentes mortos e com Cristo no céu”.**⁴⁸

⁴⁵ CALVINO, João. **Comentário dos Salmos**, volume 1. São José dos Campos, SP: Fiel, 2009, p. 156.

⁴⁶ HARRIS, R. Laird. et.al. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 2121.

⁴⁷ RUSHDOONY, R. J. **Institución de la Ley Bíblica**. The Craig Press, 1973, p. 452. tradução minha.

⁴⁸ HOEKEMA, Anthony. **“Entendendo o Amilenismo”**. Disponível em:

<<http://www.amilenismo.com/2011/12/entendendo-o-amilenismo.html#more>> Acesso em 07/06/2014.

Para os amilenaristas clássicos, o Reino de Deus é o Reino dos Céus, e este foi inaugurado na primeira vinda de Jesus (Lc 11:20). Robert B. Strimple comentando os versos 4-6 de apocalipse 20 diz que “os versículos 4-6 formam a visão do reinado dos cristãos com o seu Salvador, após eles partirem dessa vida e enquanto esperam a segunda vinda de Cristo, a ressurreição e a felicidade eterna”.⁴⁹

De acordo com essa posição, Cristo reina nos céus agora. Enquanto Ele reina, o evangelho será pregado na terra, até que seja divulgado a todas as nações (Mt 24:14). O evangelho, porém, será rejeitado, pois os homens "não suportarão a sã doutrina" (2 Tm 4:3), a iniquidade se multiplicará e os crentes esfriarão: "E, por multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos" (Mt 24:12). Nos últimos tempos "sobrevirão tempos difíceis..." (2 Tm 3:1), e por isso, surgirão doutrinas de demônios, para as quais "alguns apostatarão da fé" (1 Tm 4:1). Nesse estado caótico Jesus voltará: "...quando vier o Filho do Homem, achará porventura fé na terra?" (Lc.18:8). Em sua segunda vinda Cristo julgará os povos, separará o trigo do joio, e criará os novos céus e a nova terra.

Embora o amilenarismo defenda solitariamente a doutrina de que o milênio se refira ao reino de Cristo nos céus, seus demais posicionamentos se alinham com o pré-milenarismo histórico e, em alguns pontos, com o pós-milenarismo. Como exemplo, podemos afirmar que sua crença na piora gradativa da humanidade até o fim o aproxima do pré-milenarismo, enquanto que a sua interpretação de apocalipse 20 (com exceção da localização do reino) se alinha com a posição pós-milenarista.

Quando nos referimos à crença em um reino espiritual, não se trata apenas de localizar esse reino no céu (como fazem os amilenaristas), mas também nos referimos a crença no reino de Deus como sendo algo meramente interior.

⁴⁹ BOCK, 2005, p. 114.

Que o reino de Deus tem também uma dimensão interior, isso é atestado pelas Escrituras, como afirma Greg Bahnsen:

O reino interior e espiritual de Cristo como Salvador e Senhor não deve ser ignorado ou minimizado em importância. Uma pessoa não pode entrar no reino de Deus à parte do renascimento espiritual: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (João 3:3). Aqueles que são redimidos já foram transferidos para o reino do Filho amado de Deus (Colossenses 1:13) e como tal percebem que “o reino de Deus é... justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14:17).⁵⁰

Contudo, afirmar que esse reino é meramente interior seria no mínimo um reducionismo. No entanto, é assim que alguns amilenaristas encaram o reino. Por exemplo, Pronk afirma que

Durante essa dispensação ele [o reino] é basicamente interno, espiritual e invisível, “o reino dos céus, disse Jesus, está dentro de vós”. Cristo, agora, governa no coração do seu povo e ele é o Rei da sua igreja e reconhecido como tal. De fato, Cristo é também Rei do mundo, mas, até o seu retorno, satanás continua governando, ainda que na ilegalidade, como príncipe deste mundo, e até quando essa dispensação findar, o mundo inteiro jaz na iniquidade [ou no maligno, satanás] (1Jo 5. 19).⁵¹

Berkhof segue a mesma linha quando diz que

A ideia primordial do Reino de Deus na Escritura é a do governo de Deus estabelecido e reconhecido nos corações dos pecadores pela

⁵⁰ BAHNSEN apud DEMAR, LEITHART. “**Este Mundo e o Reino de Deus**”. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/adoracao/este-mundo-reino-Deus_bahnsen.pdf> Acesso em 07/06/2014.

⁵¹ PRONK, Ibid., posição 237.

poderosa influência regeneradora do Espírito Santo, assegurando-lhes as inestimáveis bênçãos da salvação [...].⁵²

Como consequência dessa visão etérea do Reino de Deus, cremos que o que foi dito a respeito do pré-milenarismo, acerca da sua visão do Reino de Deus, pode ser dito com alguns acréscimos a respeito do amilenarismo. Enquanto aquele localiza o reino no futuro, este o localiza no céu. Ambas as abordagens acreditam na inauguração do reino messiânico no primeiro advento de Cristo. Contudo, isso não é determinante para as duas posições escatológicas, pois, visto que esse reino não é evidente, uma abordagem espera pela sua implantação cataclísmica no futuro, e a outra o internaliza de forma exacerbada. Carl Henry já havia observado essa similaridade entre essas duas posições escatológicas quando afirmou que

No fundamentalismo não dispensacional, o amilenarismo e o pré-milenarismo concordam que o reino (seja ele terreno ou celestial), será implantado não pela espada brilhante de Gideão, mas pelo advento de Cristo, apesar de insistirem num reino espiritual e real no atual relacionamento de Cristo com a Igreja.⁵³

A principal consequência da suposição amilenarista de que atualmente o reino do Messias restringe-se aos crentes vivos ou mortos (no céu), está no fato de que, se assim é, podemos perguntar: quem reina atualmente no mundo? Assim como no pré-milenarismo dispensacionalista, essa visão levada às últimas consequências terá de admitir – como o faz o dispensacionalismo – que quem reina sobre esse mundo é satanás. Como bem observa Rushdoony

A posição amilenarista, teoricamente, sustenta que há um desenvolvimento paralelo do bem e

⁵² BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 2ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 522.

⁵³ HENRY, *ibid.*, p. 42.

do mal, do Reino de Deus e do Reino de Satanás. Na realidade, o amilenarismo sustenta que a área de maior crescimento e poder está no reino de Satanás, pois o mundo é visto numa inclinação progressiva à decadência, seguindo o curso de Satanás, o aumento das provas e tribulação da igreja, e o fim do mundo encontrando a igreja solitária e dolorosamente assaltada. Não há tal coisa como o milênio ou um triunfo de Cristo e seu Reino na História.⁵⁴

Igualmente danosa é a afirmação amilenarista de que o reino é algo restrito ao coração dos crentes. Essa visão individualista a respeito do reino tem dominado o evangelicalismo moderno, e surgiu “por causa da influência do pietismo alemão, em meados do século XVII, desde então, o reino passou a ser cada vez mais concebido num sentido individualista, passando a ser a soberania da graça e da paz no coração do indivíduo”.⁵⁵ De acordo com Renold J. Blank, “em substituição à esperança escatológica histórica, acentua-se a esperança individual da salvação”.⁵⁶ Ainda de acordo com Blank, “a consequência dessa argumentação é que o Reino de Deus se realiza no coração do homem. Reino se trona uma noção totalmente individualizada. E se perde a esperança no Reino de Deus como processo dinâmico de transformação da história”.⁵⁷

Contudo, como bem observou N. T. Wright, “não basta ir atrás de alvos individuais na vida privada; exatamente porque o alvo que buscamos não é o céu escapista, mas o Reino de Deus, de alegria que cura e traz justiça restauradora sobre toda a criação”.⁵⁸ Sendo assim, o amilenarismo cai no erro secular que envolve o evangelicalismo pós-reformado, como nos lembra mais uma vez Wright:

⁵⁴RUSHDOONY, *Ibid.*, p. 24.

⁵⁵ FERREIRA, MYATT. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 1018.

⁵⁶ BLANK, Renold J. **Escatologia do Mundo: O projeto cósmico de Deus**. São Paulo: Paulus, 2001, p. 86

⁵⁷ *Ibid.*

⁵⁸ WRIGHT, *Ibid.*, p. 78

Durante vários séculos os cristãos presumiram que o único motivo da morte de Jesus era “nos salvar dos nossos pecados”, expressão entendida de várias formas mais ou menos úteis até nos evangelhos. Porém, o resgate dos indivíduos (que, claro, permanece como elemento central) se destina a servir a um propósito maior: o de Deus, o propósito do Reino dEle.⁵⁹

Assim como no pré-milenarismo dispensacionalista, outra consequência que afeta diretamente o envolvimento dos cristãos na sociedade, está relacionada ao pessimismo fatalista que caracteriza a visão amilenarista. Pois, se está “escrito” que as coisas piorarão até o fim, logo, nós não temos como mudar isso. O famoso amilenarista Herman Hanco definiu o pessimismo da sua cosmovisão nos seguintes termos:

O amilenismo não ensina um período de paz e prosperidade sem precedentes para a igreja antes do fim, mas toma seriamente a verdade bíblica de que a grande tribulação da igreja precederá o final de todas as coisas – que naqueles últimos dias "sobrevirão tempos difíceis" (2Timóteo 3:1), tempos nos quais "os homens perversos e impostores irão de mal a pior" (v. 13).⁶⁰

Uma última consequência prática que envolve a cosmovisão amilenarista (assim como acontece com o pré-milenarismo), diz respeito à incoerência dessa posição em relação ao mandato cultural. Falamos em incoerência devido à relação que envolve a cosmovisão amilenarista com a teologia reformada e, sendo a doutrina do mandato cultural uma doutrina notadamente defendida nos nichos reformados, a posição amilenarista não está agindo coerentemente

⁵⁹ WRIGHT, Ibid., p. 117-118.

⁶⁰ HANCO, Herman. “Amilenismo” Disponível em:

<http://www.cprf.co.uk/languages/portuguese_amillennialism.htm#_U5tCq5RdWHI>

Acesso em 13/06/2014.

para com essa doutrina. Assim como os pré-milenaristas (esses não agem com incoerência, visto que nem mesmo admitem a existência de tal doutrina), os amilenaristas têm abandonado o mandato cultural.

Que o mandato cultural é ensinado claramente nas Escrituras, é atestado até mesmo por autores como N.T. Wright, cuja posição escatológica não pode ser enquadrada entre as posições esboçadas nesse ensaio.⁶¹ Segundo Wright, “[...] Desde Gênesis 1, [os homens] recebem o mandato de cuidar da criação, de preservar a ordem, e de estabelecer e manter comunidades no mundo”.⁶²

A doutrina do Mandato Cultural pode ser definida como o mandamento de Deus proferido ao homem em Gênesis 1:26-28, para dominar e sujeitar a natureza, e cultivar e guardar o jardim. Este mandato está diretamente relacionado à ideia de produzir cultura, envolvendo todas as esferas sociais da humanidade.

Segundo Gary North, “O fato de o homem ser o portador da imagem de Deus lhe concede esse direito e responsabilidade de domínio”.⁶³ Embora, alguns amilenaristas acusem o Holandês Abraham Kuyper e o que se passou a denominar de “neocalvinismo”, de introduzirem o mundanismo no seio da igreja quando ensinam o conceito de graça comum e a doutrina do mandato cultural, fica muito claro a partir do ensino das Escrituras que esse mandato de transformar a sociedade é algo decorrente do fato de o homem ter sido criado à imagem de Deus.

A salvação do homem inclui a restauração da imagem de Deus e o chamado implícito nessa imagem, para subjugar a terra e exercer domínio. Uma distorção radical do Evangelho e do

⁶¹ Embora, o pós-milenarista Douglas Wilson tenha afirmado recentemente que as “descobertas” e afirmações escatológicas de Wright já haviam sido feitas por pós-milenaristas ao longo da história. Ver: “**In Which N.T. Wright Discovers the Moon Again**”. Disponível em: <<http://dougwils.com/s7-engaging-the-culture/in-which-n-t-wright-discovers-the-moon-again.html#more-107034>> Acesso em 19/06/2014.

⁶² Ibid., p. 215.

⁶³ NORTH, Gary. **Sovereignty and Dominion**: An economic commentary on Genesis. Dallas, 2012, Institute for Christian economics, p. 39. tradução minha.

chamado dos redimidos foi introduzida na igreja como resultado do neo-platonismo. Houve uma renúncia do domínio, e a terra foi considerada como campo do diabo, desprezou-se o corpo, e uma falsa mansidão e humildade foram cultivadas. O domínio foi considerado como uma obra da carne, em vez de uma responsabilidade sagrada.⁶⁴

O breve catecismo de Westminster nos lembra do propósito de Deus ao nos criar: Pergunta 10. Como criou Deus homem? Resposta. Deus criou o homem macho e fêmea, conforme a sua própria imagem, em conhecimento, retidão e santidade, com domínio sobre as criaturas. Gn 1. 27, 28; cl 3. 10; Ef 4. 24; Rm 2. 14, 14; Sl, 86 – 8.⁶⁵

Sobre esse propósito criacional, Gentry afirma que “Como imagem de Deus sobre a obrigação da aliança, Adão e Eva deviam desenvolver a cultura humana para a sua glória, exercendo justo domínio sobre toda a terra. Isso, é claro, não podia ser feito por Adão e Eva somente; assim Deus os abençoou e ordenou que fossem “frutíferos e se multiplicassem” [...]”⁶⁶

Em suma, podemos afirmar que a cosmovisão amilenarista não pode ser coerente com o mandato cultural, visto que, de acordo com essa perspectiva, o futuro do mundo só será mudado no último dia, como resultado direto da vinda de Cristo e da criação dos novos céus e da nova terra.

A última cosmovisão que apresentaremos é a cosmovisão pós-milenarista. Basicamente, o que distingue o pós-milenarismo das posições escatológicas apresentadas até agora, é a sua crença no reino do Messias como uma realidade presente e em franca expansão. Como vimos, tanto o pré-milenarismo quanto o amilenarismo –

⁶⁴RUSHDOONY, *ibid.*, p. 453.

⁶⁵ VAN HORN, Leonard T. **Estudos no Breve Catecismo de Westminster**. Recife: Os Puritanos, 2009.

⁶⁶ GENTRY, *Ibid.*, p. 24

embora afirmem a chegada do reino do Messias no seu primeiro advento, – tendem a minimizar, ou, no caso do pré-milenarismo, defender que esse reino só irromperá significativamente no futuro. Já na abordagem amilenarista, o reino é uma realidade presente nos céus, ou no máximo, no coração dos crentes.

Antes de tudo, precisamos definir a natureza desse reino. Ao contrário da visão pré-milenarista que tende a literalizar todas as profecias referentes ao reino messiânico, o pós-milenarismo entende a partir das Escrituras, que o reino é, antes de tudo, uma realidade espiritual. Schwertley resume bem esse aspecto do reino quando afirma que

Jesus proclamou um reino espiritual redentor, um reino em que se entrava por intermédio de um novo nascimento, tornando-se parte da primeira ressurreição: “Digo-lhe a verdade: ninguém pode entrar no reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito” (Jo 3. 5) – não um reino de armas e poder político, mas de serviço humilde e submisso a Cristo e ao próximo. “Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança” (Mt 5. 5).⁶⁷

Sendo esse reino de natureza espiritual, a acusação pré-milenarista de que não existe evidência alguma da presença desse reino cai por terra, pois conforme ensinou Jesus, a presença desse reino é quase imperceptível (Mt 13:31-33). Nas palavras de Peter Leithart:

Jesus nos mostra que os caminhos do Reino de Deus não são os caminhos dos reinos desse mundo. O Reino de Deus vem lentamente, silenciosamente, imperceptivelmente [...] Esse não é o tipo de Reino que esperamos, mas é o

⁶⁷ SCHWERTLEY, *ibid.*, p. 37

tipo de reino que devemos esperar de um Rei que traz o seu reino através de uma cruz.⁶⁸

Além do mais, negar que o reino do Messias seja uma realidade presente, seria equivalente a negar o claro ensino das Escrituras, que nos dizem que quando Cristo foi assento ao céu assentou-se formalmente no trono do seu reino (At 2:33-36; Hb 1). Desde esse momento, Jesus reina sobre céus e terra. Esse é claramente o ensino apostólico (1 Co 15:25-26): “Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte”. Desse modo, conforme o ensino do próprio Cristo (Mt 13:31-33), o reino é uma realidade presente e em expansão. Sobre a realidade do presente reino de Cristo sobre o mundo, Greg Bahnsen afirma que

Cristo ensinou Seus discípulos a orar: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6:10). Essa oração é uma lembrança contínua a nós que a vinda do reino significa fazer a vontade de Deus, e que o reinado de Cristo (Seu reino) por meio da nossa obediência chega precisamente aqui sobre a terra. O reino de Cristo é inegavelmente deste mundo em seus efeitos e manifestação. Sem dúvida, o reino de Cristo não procede “deste mundo” (João 18:36), significando (como o final do versículo interpreta a questão para nós) que a fonte do reinado de Cristo “não é daqui”. Todavia, Seu reinado, como se originando do próprio Deus, pertence a este mundo presente. O Salvador ressurreto e vitorioso disse de Si mesmo: “É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt 28:18).⁶⁹

Mais uma vez, em franca oposição ao ensino pré-milenarista que localiza o reino do messias no futuro e num trono terrestre, bem

⁶⁸ LEITHART, Peter. “**The Kingdom of the Parables**”. Disponível em: <<http://trinityhouseinstitute.com/the-kingdom-of-the-parables/>> acesso em 19/06/2014. tradução minha.

⁶⁹ DEMAR, LEITHART, ibd.

como a ideia amilenarista que o localiza no céu ou sobre a igreja, o pós-milenarismo em consonância com o claro ensino das Escrituras, enfatiza a abrangência e universalidade desse reino:

O reino vai impregnar tudo (Mt 13:33). Vai operar para um retorno centuplicado (Mt 13:8). Vai crescer em grande estatura (Mt 13:31-32). Vai dominar o campo/mundo (tendo espalhado a semente de trigo no mundo, o mundo para o qual Cristo retorna será um campo de trigo e não um campo de joio, Mt 13:30).”Haverá um desenvolvimento incrível do Cristianismo no mundo. “Cada cristão deve ser um missionário, passando adiante a misteriosa influência, pois não deve, tendo recebido, negar-se a dar. Isso implica que o cristão deve viver no mundo, pois o fermento não pode agir sem o contato. A vida humana precisa ser tocada em todos os aspectos, para que as suas obras e ações, sua religião e descanso, sua política e comércio, sua ciência e arte, possam crescer e ser aquecidos pela ação penetrante” da glória do evangelho de Cristo e do seu efeito santificador sobre homens, instituições e culturas.⁷⁰

O gradualismo do reino é outra distinção relevante na abordagem pós-milenarista, em oposição às abordagens que enfatizam que o reino será implantado de forma cataclísmica. Assim como o crescimento da semente é lento, e o fermento leveda a massa gradualmente, assim também se dá com o reino do Messias. Sua influência no mundo se dará a partir do anúncio de que Cristo reina e que os homens devem submeter-se ao seu senhorio. É justamente nesse ponto, que os cristãos têm um papel ativo como “construtores do reino”. A igreja como novo Israel de Deus é um reino de sacerdotes (1 Pe 2:9) que reinam, desde já, na terra (Ap 5:9). Sendo assim, como povo recriado de Deus nós temos uma tarefa a realizar. “No protestantismo todo crente é um sacerdote. Uma ideia totalmente protestante – depende do pressuposto de que o serviço de

⁷⁰ SCHWERTLEY, *ibid.*, p. 41

cada cristão, não só de um sacerdote ordenado, é diante de Deus considerado santo. Todo o cristão serve como um trabalhador”.⁷¹ Esse trabalho sacerdotal, nas palavras de Andrew Sandlin, pode ser resumido naquilo que

Os pais inculcam a fé cristã ortodoxa em suas famílias. Os pastores conduzem o seu rebanho à maior obediência. Os educadores instruem seus alunos em termos de um sistema de vida cristão abrangente. As igrejas revivem o diaconato e cuidam dos doentes, dos necessitados, das viúvas e dos órfãos. Os médicos cristãos praticam o ofício divino de cura natural (algumas vezes, talvez, sobrenatural) ao seguir a lei de Deus e os produtos da graça comum de Deus. Os empresários produzem riqueza começando novos negócios que beneficiam a outros. E assim por diante em todas as esferas.⁷²

Em decorrência disso indagamos, qual é a relevância de crermos no reino presente do Messias? Essa cosmovisão faz alguma diferença na vida prática dos cristãos?

Em primeiro lugar, podemos afirmar que essa é a única posição escatológica que oferece esperança quanto ao futuro deste mundo e que conclama os homens a trabalharem pelas próximas gerações. A esperança pós-milenarista não está localizada no arrebatamento, nem num céu habitado por almas sem corpo, mas no novo céu e nova terra que já foram iniciados na ressurreição de Cristo e, conseqüentemente, na nova criação de Deus (1 Co 5: 17). Isso não significa que não aguardamos a chegada plena desse Reino, mas como observa Greg Uttinger, “o reino já chegou, e o reino continua a chegar, e o reino chegará em toda a sua glória e plenitude

⁷¹ NORTH, Gary. **Heredarán la Tierra**: Esquemas bíblicos para la economía política. Tyler, Texas: Institute for christian economics, 1988, p. 04. (tradução minha).

⁷² SANDLIN, Andrew. “O Caráter do Reino de Cristo”. Disponível em:

[</www.monergismo.com/andrew-sandlin/o-carater-do-reino-de-cristo/>](http://www.monergismo.com/andrew-sandlin/o-carater-do-reino-de-cristo/) Acesso em 19/06/2014

eterna”.⁷³ Sendo assim, a esperança – e não o desespero – produzida pela cosmovisão pós- milenarista é um fator motivante para que os cristãos desenvolvam o que Rousas Rushdoony chamou de “teologia da terra”.⁷⁴ Segundo ele,

A Bíblia nos dá uma teologia muito clara da terra. Dize-nos que "A terra é do SENHOR, e toda a sua plenitude: o mundo e aqueles que nele habitam (Sl 24:1).. Ela é do Senhor, porque Ele fez isso (Gn 1). O homem é o ponto alto da criação de Deus, mas não podemos ser indiferentes ao resto da criação. Dos seis dias da criação, cinco são dedicados ao mundo, não ao homem. O tempo dado para resto da criação, atesta a sua importância aos olhos de Deus. [...] "E Deus viu tudo o que tinha feito, e eis que era muito bom" (Gn 1:31). Desprezo pela criação física é desprezo por Deus. Ver a criação como Deus vê, é uma necessidade moral e religiosa.⁷⁵

O cuidado com a terra não é um endeusamento da criação, mas um retorno ao ensino claro das Escrituras Gn 2:15; 8. 21; Sl 24:1; Ec 1:4; Is 45:18; Rm 8:19-22; Ap 11:18. Esse cuidado abrange toda a nossa ação nesse mundo caído que já começou a ser restaurado com a ressurreição de Cristo – o segundo Adão – mas, que depende também da nossa ação ativa na reconstrução e renovação dessa criação. De acordo com Wright:

É a isso que diz respeito a ressurreição, a ascensão de Jesus e o dom do Espírito. Seu propósito não é nos levar para longe dessa terra, mas nos tornar agentes de transformação dessa terra, antecipando o dia quando, como nos foi prometido, “a terra se encherá do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar” (Is 11:9). Quando o Jesus ressurreto aparece a seus seguidores no final do evangelho de Mateus, ele

⁷³ UTTINGER, Greg. **Um Mundo Totalmente Novo**: O evangelho de acordo com apocalipse. Brasília: Editora Monergismo, 2009, p. 60

⁷⁴ RUSHDOONY, 1994, *ibid.*, p. 957.

⁷⁵ *Ibid.*

declara que toda a autoridade no céu e na terra lhe foi dada (28:28); quando João ouviu as grandes vozes no céu elas dizem: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11:15; Mt 28:18). O que os evangelhos estão afirmando – Mateus, Marcos, Lucas e João, mais o livro de Atos – é que *ele já começou*.⁷⁶

Em segundo lugar, podemos afirmar que a cosmovisão pós-milenarista é um antídoto contra o escapismo, o quietismo e o isolacionismo, além de ser um incentivo ao transformacionismo. Pois, Sabendo que cabe a Igreja discipular as nações (Mt 28:18-20; 2 Co 10:4-5) trazendo-as aos pés do seu Rei, ensinando-as a aplicar os princípios do reino para cada área da vida humana, o cristão pós-milenarista tenderá a participar ativamente desse processo de transformação da sociedade, bem como da expansão do reino de Cristo na terra:

O modelo transformacionista [...] vê a igreja com um chamado para liderar a cultura humana para o desdobramento da criação de Deus de acordo com a Palavra de Deus. Isso é feito tendo uma visão da transformação ética e espiritual em todas as áreas da vida. O modelo transformacionista vê o significado desse mundo à luz do mundo de cima, e promove a vontade de Deus na terra como no céu. Ele promove a cultura divina no lugar de uma cultura ímpia.⁷⁷

Via de regra, esse transformacionismo não significa nada para os cristãos modernos, cuja “espiritualidade” não passa do âmbito privado. A Conversão do ponto de vista do evangelicalismo moderno, não significa nada além de uma experiência particular. Contudo, como afirma David Chilton, “A salvação é uma re-criação. Por isso, é utilizada a linguagem e o simbolismo da criação nas Escrituras cada vez que Deus salva seu povo. O Dilúvio, o Êxodo, e

⁷⁶ WRIGHT, *ibid.*, 2009, p. 217

⁷⁷ GENTRY, 1992, *ibid.*, p. 124.

a primeira vinda de Cristo são vistos como Deus criando um novo mundo”.⁷⁸

Ao contrário do que muitos imaginam, “novos céus e nova terra” não é a descrição do nosso estado eterno, mas sim de algo que se sucedeu a morte e ressurreição de Cristo. O texto de Isaías 65:17-25, que serve de pano de fundo para a citação de João em Ap 21:1 nos diz:

Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, regozijo. E exultarei por causa de Jerusalém e me alegrarei no meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor. Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado. Eles edificarão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do meu povo será como a da árvore, e os meus eleitos desfrutarão de todo as obras das suas próprias mãos. Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade, porque são a posteridade bendita do SENHOR, e os seus filhos estarão com eles. E será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei. O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não se fará

⁷⁸ CHILTON, David. **El Paraíso Restaurado**: una teologia biblica do señorío. Tyler, Texas: Dominion Press, 1999, p. 158 (tradução minha)

mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o SENHOR.⁷⁹

Evidentemente, “isso não pode estar falando sobre o céu, ou sobre algum tempo após o fim do mundo; porque nestes "novos céus e nova terra" ainda existe morte [...] as pessoas constroem, plantam e tem filhos”.⁸⁰ O que temos aqui é, na verdade, uma base fortíssima para o ativismo cristão. Pois “essa é claramente uma descrição desta época, antes do fim do mundo, isso nos mostra o que esperar das futuras gerações à medida que o evangelho penetra no mundo, restaurando a terra à condição de paraíso, tornando fecundos os objetivos do reino”.⁸¹

Terceiro, a cosmovisão pós-milenarista atinge o homem por completo. Do âmbito privado ao público. Como bem observou Einwechter:

Sua visão escatológica determinará como você vê o mundo e seu papel como um servo de Cristo. Se, nessa dispensação, o mundo e seu futuro pertencem ao diabo e seus seguidores, você verá sua função no mundo de acordo com isso. Mas se você crê que Cristo veio para o propósito específico de sobrepujar as obras do diabo e de estabelecer o governo de Seu Reino messiânico nos quatro cantos da terra (isto é, a esperança pós-milenista), sua perspectiva será radicalmente diferente.⁸²

Não somente a vida individual, mas também a família, ou – o que entendemos por família – será, da mesma forma, afetada por nossa cosmovisão escatológica. Pois, se cremos que somos a “última geração”, com certeza, não teremos nenhuma motivação para

⁷⁹ Tradução Revista e Atualizada de Almeida (ARA).

⁸⁰ CHILTON, Ibid., p. 158

⁸¹ Ibid.

⁸² EINWECHTER, William O. “Implicações Práticas do Pós-milenismo”. Disponível em: http://www.revistacrista.org/Artigos/As%20Implicacoes%20Praticas%20do%20Pos-Milenismo_Por%20William%20Einwechter.pdf> Acesso em 01/03/2013

cultivarmos uma família numerosa. Contudo, “o pós-milenismo fornece a base para uma visão de fidelidade multi-geracional numa família, por causa da sua visão que a história ainda tem um longo caminho a percorrer, e também devido à sua crença que o Reino de Deus crescerá para abranger o mundo”.⁸³

⁸³ Ibid.

Capítulo 3 _____

Cosmovisão Pós-milenarista e Engajamento

A história da igreja também mostra que a escatologia pode ser uma grande influencia sobre o envolvimento da igreja em missões e na reforma social. A esperança pós-milenista forneceu muito do impulso para o aprimoramento social que caracterizou o Protestantismo evangélico nos primeiros anos do século dezanove.

John Jefferson Davis

Nesse capítulo, abordaremos de forma sintética a cosmovisão pós-milenarista, passando pela sua origem histórica, fundamentação bíblica e principais doutrinas. Também veremos como cada aspecto dessa cosmovisão tem implicações práticas, o que leva, necessariamente, os cristãos ao engajamento social.

Não é nossa intenção expor nesse breve resumo aspectos que dividem alguns expoentes do pós-milenarismo, tais como: a teonomia⁸⁴, e/ou pormenores no que diz respeito à interpretação do livro de apocalipse⁸⁵.

⁸⁴ De acordo com Gary North, "Teonomia, como Greg Bahnsen usa o termo, é uma visão da Bíblia que argumenta que, a menos que uma lei específica do Antigo Testamento tenha sido ab-rogada pelo Novo Testamento, quer por revelação especial ou pela aplicação de um princípio do Novo Testamento, sua autoridade ainda é moral e/ou judicialmente obrigatória hoje". Isso inclui as leis civis de Israel. Embora a maioria dos expoentes do pós-milenarismo moderno sejam também teonomistas, o pós-milenarismo não está necessariamente atrelado

A maioria dos estudiosos divide a história do pós-milenarismo em quatro fases. A primeira fase corresponde ao que ficou conhecido como pós-milenarismo antigo⁸⁶. Assim como todas as posições escatológicas, o pós-milenarismo busca as suas origens nos primórdios do cristianismo. Sendo assim, Orígenes de Alexandria (185-254 d.C.) teria expressado uma visão pós-milenarista já no século II. Contudo, o pós-milenarismo só se tornaria dominante após a conversão do imperador Constantino (312 d.C.). Entre os expoentes posteriores dessa cosmovisão, estão: Eusébio (260-340), Atanásio (296-372), Ticonius (aprox. 400) e Agostinho (354-430).

A segunda fase do pós-milenarismo abrange o período da reforma e do puritanismo inglês. Há controvérsias, mas o pós-milenarismo aparece de forma incipiente nos escritos do reformador João Calvino (1509-1605). Os outros reformadores que são comumente listados como pós-milenaristas são Martin Bucer (1491-1551) e Teodore de Beza (1519-1605). Nos séculos XVI e XVII, muitos puritanos foram pós-milenaristas, entre eles: Thomas Brightman (1562-1607), pai do Presbiterianismo inglês e George Gillespie (1613-49). O famoso teólogo congregacionista John Owen (1616-83) e Matthew Henry (1662-1714) também estão entre os pós-milenaristas.⁸⁷

à teonomia, há exceções. Não obstante os autores citados nesse ensaio sejam, na sua maioria, teonomistas, não estou certo se meu posicionamento poderia ser definido nesses termos.

⁸⁵ Só a título de informação, o “pai” do pós-milenarismo moderno, Rousas Rushdoony, não tinha uma visão preterista do livro de apocalipse – como a maioria dos pós-milenaristas modernos – antes, ele sustentava uma interpretação idealista, tal como a maioria dos amilenaristas. SELBREDE, Martin G. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/escatologia_reformada/impacto-rushdoony-escatologia_martin-selbrede.pdf> Acesso em 02/07/2014

⁸⁶ Sobre esse período, precisamos deixar claro que o “pós-milenarismo” de Agostinho cometeu o equívoco de identificar a igreja com o reino. Como bem observa Bengt “A doutrina da igreja de Agostinho foi importante [...] também para sua descrição do reino de Deus e do reino do mundo apresentada em seu escrito A Cidade de Deus”. HAGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. 6ª ed. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1999, p. 108.

⁸⁷ Uma característica peculiar do pós-milenarismo sustentado pelos puritanos era a ideia de que os mil anos de apocalipse 20 eram literais.

Durante a modernidade tem início à terceira fase da história do pós-milenarismo. Nomes como o também congregacionista Jonathan Edwards (1703-58), bem como o famoso missionário William Carey (1761-1834) são defensores dessa abordagem. Os teólogos de Princeton, Charles Hodge (1797-1878) e A. A. Hodge (1823-1886), o teólogo batista Augustus Strong (1836-1921) e os presbiterianos B. B. Warfield (1851-1921) e J. Gresham Machen (1881-1937) também foram pós-milenaristas.

A última fase do pós-milenarismo começou na década de 1960 e a sua principal característica é a teonomia. Ou seja, um retorno gradual às normas bíblicas de justiça como resultado da dispersão do evangelho e da aplicação das leis do Antigo Testamento, que seriam novamente observadas, embora propriamente interpretadas e adaptadas às condições do novo pacto. Outra característica do pós-milenarismo recente é a preferência por uma visão preterista parcial⁸⁸ no que diz respeito à interpretação das profecias.

O termo pós-milenarismo significa literalmente “depois do Milênio”. Ou seja, Cristo retornará a terra após esse período denominado milênio. Como vimos, o pós-milenarismo teve algumas versões durante a história, contudo, uma característica comum no pós-milenarismo (seja ele antigo ou recente) é o otimismo no que diz respeito ao progresso do evangelho e do Reino de Deus na história. A cosmovisão pós-milenarista descansa na crença de que a pregação do evangelho terá tanto sucesso que o mundo⁸⁹ será convertido e desfrutará de um longo período de paz e prosperidade chamado de “milênio”.

⁸⁸ O termo preterismo parcial foi escolhido para distingui-lo do preterismo completo, cuja abordagem sustenta que todas as profecias bíblicas, incluindo a ressurreição e a segunda vinda de Cristo, já foram cumpridas. Para maiores detalhes: RAYMUNDO, César Francisco. **Refutando o Preterismo Completo**. In: Revista Cristã Última Chamada. Nº 10, p. 11-106. Disponível em:

<http://www.revistacrista.org/Literaturas/Refutando%20o%20Preterismo%20Completo.pdf>

⁸⁹ O pós-milenarismo usa o termo “mundo” como muitas vezes ele aparece nas Escrituras. Ou seja, não é uma referência a todas as pessoas sem exceção.

No que se refere à fundamentação Bíblica do pós-milenarismo, o ensino claro das Escrituras nos levam a sustentar a esperança pós-milenarista. O Sl 22:27 diz que “todos os limites da terra se lembrarão, e se converterão ao SENHOR; e todas as famílias das nações adorarão perante a tua face”. O mesmo é dito no Sl 67:2, 7, onde se ensina que a salvação de Deus será conhecida entre todas as nações (v. 2) “e todas as extremidades da terra o temerão” (v. 7). De igual modo, os Salmos 86:9; 87:4; 102:15, ensinam que o mundo todo se renderá ao Senhor. De forma sintética, podemos afirmar que toda a revelação bíblica – da promessa feita a Abraão em Genesis 12, passando pela pregação dos profetas, como por exemplo, em Isaías 11:9 “... a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar” – ensinam o que ensina a esperança pós-milenarista.

Tendo em vista a esperança na conversão da maioria das pessoas, bem como a crença de que as coisas melhorarão progressivamente e mais visivelmente imediatamente antes do retorno de Cristo, chegamos ao primeiro fator motriz advindo da cosmovisão pós-milenarista, para que os cristãos tenham um papel ativo na evangelização e no engajamento social.

Um exemplo histórico da influência da posição escatológica como fator impulsionador e transformador da sociedade, encontra-se nos puritanos ingleses do século XVII. Isso é reconhecido por autores de todas as posições escatológicas, dentre eles, o pré-milenarista John Piper:

O primeiro esforço missionário dos protestantes na Inglaterra eclodiu do solo da esperança puritana. Os puritanos foram aqueles pastores e mestres da Inglaterra (e, posteriormente, Nova Inglaterra), entre os anos de 1500 e 1660, que queriam purificar a igreja da Inglaterra e levá-la ao alinhamento teológico e prático com os ensinamentos da Reforma. Eles tiveram uma visão da soberania de Deus que produziu uma esperança intrépida em sua vitória sobre todo o

mundo. Foram profundamente impulsionados por uma paixão pela vinda do reino de Deus sobre todas as nações. Seus corações realmente creram na verdade das promessas de que a causa de Cristo triunfaria. “Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18). “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim” (Mt 24:14). “Todas as nações que fizeste virão, prostrar-se-ão diante de ti, Senhor, e glorificarão o teu nome” (Sl 86:9). “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12:3). “Eu te darei as nações por herança” (Sl 2:8). “Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias da terra” (Sl 22:27). “Prostar-se toda a terra perante ti, canta salmos a ti; salmodia o teu nome” (Sl 66:4). “A ele obedecerão os povos” (Gn 49:10). Essa tremenda confiança, de que Cristo um dia conquistaria corações em cada nação e seria glorificado por todas as pessoas na terra, fez nascer o primeiro esforço missionário no mundo de língua inglesa e aconteceu 150 anos antes de o movimento missionário moderno se iniciar com William Carey, em 1793. Entre 1627 e 1640, 15 mil pessoas emigraram da Inglaterra para a América, a maioria puritanas, levando sua grande confiança no reino universal de Cristo. De fato, o brasão dos colonizadores da Baía de Massachusetts tinha sobre ele um índio norte-americano com estas palavras saindo de sua boca: “Passa à Macedônia e ajuda-nos”, extraídas de Atos 16:9. O que isso mostra é que, em geral, os puritanos viram sua imigração para a América como parte da estratégia missionária de Deus para estender seu reino entre as nações.⁹⁰

⁹⁰ PIPER, John. **Alegrem-se os Povos**: a supremacia de Deus em missões. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 53-54

Não obstante, Piper enfatize primordialmente o aspecto missionário – leia-se evangelístico – da obra dos puritanos, e não o que impulsionou essa obra; é do conhecimento de qualquer estudante dos puritanos, que o pós-milenarismo era a sua posição escatológica, e que com base nessa cosmovisão a sua influência nas leis, cultura, educação e economia são sentidas até hoje naquele país.⁹¹ Sendo assim, a esperança pós-milenarista de que o mundo se renderá ao Senhor através da pregação do evangelho, é um fator determinante para o engajamento na sociedade.

Além da esperança na conversão da maioria das pessoas do mundo, o pós-milenarismo com a sua ênfase na doutrina do mandato cultural descrita em Gn 1:26-28, entende que é o propósito criacional de Deus que exerçamos domínio:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; *tenha ele domínio* sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e *sujeitai-a; dominai* sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.⁹²

Como imagem de Deus, o homem deveria desenvolver a cultura e cuidar da terra para a glória de Deus. Contudo com a entrada do pecado no mundo, toda a criação de Deus foi afetada, e “como resultado da queda, sem dúvida, o impulso de domínio do homem foi pervertido. E o que acontece agora não é um exercício de domínio submisso a Deus, mas sim, um desejo de ser Deus”.⁹³

⁹¹ Ryken, Leland. **Santos no Mundo**. João Bentes. 2ª Ed. São José dos Campos, São Paulo: Editora Fiel, 2013, p. 57-81, 109-135, 261-287

⁹² **Bíblia Sagrada**. Tradução atualizada de João Ferreira de Almeida. Itálicos meus

⁹³ RUSHDOONY, 1973, *ibid.*, p. 452

Entretanto, como nova criação em Cristo – que é o segundo Adão – somos renovados para cumprir esse mandato do Senhor. Calvino afirma que “Cristo é o legítimo herdeiro do céu e da terra, por quem os fiéis recobram o que haviam perdido em Adão”.⁹⁴ Sendo assim, em Cristo somos uma nova Criação, e “o mandato da Nova Criação providencia uma restauração essencial da imagem de Deus no conhecimento, justiça e santidade (Ef 4:24; Cl 3:10), esse mandato da criação é, portanto, amparado pela atividade restauradora de Deus por meio da Nova Criação”.⁹⁵ A evidencia Bíblica de que precisamos exercer o mandato de domínio reside no fato de que “o mandato cultural é repetido como ainda estando em vigor em ambos os Testamentos (Gn 9:1ss; Hb 2:5-8; Sl 8). Desse modo, “as expectativas otimistas do pós-milenarismo concordam muito bem com o propósito criacional de Deus, como evidenciado no mandato cultural”.⁹⁶

De acordo com a cosmovisão pós-milenarista, é na grande comissão, que Cristo dá o comando para que a igreja avance e exerça o domínio sobre todo o mundo, pois o diabo foi preso com o propósito de “*não mais enganar as nações*” (Ap 20. 3). É nisso que consiste a “evangelização” da igreja. Não se trata apenas de um foco reducionista no resgate de almas, mas de restaurar a criação original de Deus através da pregação do evangelho, que regenera o homem e o encaminha no engajamento da regeneração de toda a terra. Isso inclui a cultura, as artes, a política, os negócios e a educação.

O pós-milenarismo baseia-se nessa importante doutrina bíblica, pois sabe que o abandono desse claro ensino das Escrituras têm acarretado várias consequências para a igreja, mas a obediência igualmente trará várias bênçãos. Por exemplo, partindo do próprio texto onde originalmente esse mandato é dado, podemos destacar uma séria implicação sobre a família. A ordem em Gn 1:28 é que sejamos fecundos, que devemos nos multiplicar e encher a terra. Essa

⁹⁴ CALVINO, 2009, *ibid.*, p. 156

⁹⁵ GENTRY, 1993, *ibid.*, p. 14

⁹⁶ GENTRY, 1992, *ibid.*, p. 182

ordem precede o mandato de domínio. Como bem observa Einwechter:

O cumprimento do mandato de domínio não pode ocorrer a menos que sejam observados os mandamentos anteriores de Deus registrados no versículo 28: "Ser frutífero e multiplicar e encher a terra", Estes dois imperativos precedem no tempo e na sequência lógica do comando para assumir o domínio na terra. Observe a progressão: 1) o homem deve ser frutífero e se multiplicar, de modo que, 2) ele pode encher a terra de modo que, 3) ele pode ter domínio sobre toda a terra. Assim, vemos que a fecundidade em relação a ter filhos é essencial para o cumprimento do mandato de domínio!⁹⁷

Ao contrário do que ensina o humanismo secular, a cosmovisão pós-milenarista defende uma família numerosa para a glória de Deus. É nosso dever sagrado cultivar uma geração temente a Deus com o propósito de fazer seu nome conhecido e glorificado sobre a terra. As cosmovisões concorrentes não tem nenhuma motivação para encher a terra, muito menos para dominá-la, pois segundo eles, o mundo pode acabar a qualquer momento.

Outro benefício de obedecer ao mandato de domínio resulta na maneira em que isso influenciará diretamente no modo como vamos compreender a nossa vocação de sacerdotes e de reis no mundo. As Escrituras nos ensinam que somos um reino de sacerdotes Rm 5:17; Ap1:6; 5: 9,10; 1 Pe 2:9. A fim de entendermos as implicações de sermos um reino de sacerdotes, devemos nos lembrar do que Deus disse ao seu povo na antiga aliança (Êx 19. 4-6):

⁹⁷ EINWECHTER, William O. "**Children and Dominion Mandate**". Disponível em: <<http://darashpress.com/articles/children-and-dominion-mandate>> Acesso em 18/12/2013. tradução minha

Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis *reino de sacerdotes* e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.⁹⁸

A ideia de que somos reis, deriva originalmente do mandato de domínio em Gn 1:26-28, fomos criados para ser vice-gerentes no Reino de Deus que abrange céu e terra. A ideia de que somos sacerdotes também tem a sua origem em Adão nosso pai, que era uma espécie de sacerdote que cuidava do jardim de Deus. Embora, especificamente, a imagem do sacerdote está sempre ligada ao templo. Contudo, como afirma Wright:

A finalidade do templo nunca foi servir como retiro, lugar santo e seguro onde as pessoas permaneceriam na presença de Deus, afastadas da perversidade que dominava o lado de fora. Ele era um sinal do que Deus queria fazer com e por toda a criação. Ao encher a casa com sua presença, Deus revelou sua intenção final de inundar o mundo inteiro com a sua glória, presença e amor.⁹⁹

Isso significa que temos um trabalho a fazer: herdar o mundo e trazê-lo cativo aos pés de Cristo. Isso “não quer dizer que os seguidores de Jesus devam se colocar imediatamente como governadores do mundo – nem mesmo locais, no sentido comum”.¹⁰⁰

⁹⁸ BÍBLIA, *ibid.* Itálicos meus

⁹⁹ WRIGHT, 2012, *ibid.*, p. 91

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 93

Mas, significa que “a mensagem de que Jesus – crucificado – é o verdadeiro Senhor do mundo deve ser divulgada pela igreja que segue os passos dele”.¹⁰¹ Em Rm 4:13, Paulo diz que a Abraão foi feita a “promessa de ser herdeiro do mundo”. Saber dessa realidade bendita faz toda a diferença.

Alem da esperança e do mandato de domínio, outra crença fundante da cosmovisão pós-milenarista e que serve como um fator motivante para o nosso engajamento na sociedade, é a crença de que a volta de Cristo acontecerá após o milênio. Para entendermos o porquê de o pós-milenarismo defender que a vinda de Cristo se dará após o milênio, precisamos entender quando foi que o milênio teve início. De acordo com o Novo Testamento, o milênio (ou reino do Messias) teve início no primeiro advento de Cristo, quando satanás foi amarrado. Desse modo, Ap 20:1-3 corresponde ao aprisionamento de satanás por Cristo no seu primeiro advento, não a algo que ocorrerá no futuro. Em Mt 12.28-29 Jesus especificamente fala aos fariseus que o seu controle sobre os demônios prova que ele amarrou satanás e agora está saqueando os seus bens: “*Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós. Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa*”. Sendo assim, o aprisionamento de satanás marca o início do Milênio. Contudo, o Novo Testamento não ensina que satanás está preso em todos os aspectos, isso explica porque o milênio, na concepção pós-milenarista, não é um período perfeito. Antes, a sua prisão tem um propósito definido “para que não mais enganasse as nações” Ap 20:3b. como afirma Jay Rogers:

No Novo Testamento apenas Israel conhecia o verdadeiro Deus. Mas a vinda de Cristo mudou isso à medida que o evangelho foi sendo pregado a todas as nações (Is 2:2-3; 11:10; Mt 28:19; Lc 2:32; 24: 47; Atos 1:8; 13:47). Assim, se Jesus está sobre o trono no céu e se satanás

¹⁰¹ Ibid., p. 94

está preso para não enganar as nações, então estamos agora no milênio.¹⁰²

Ao contrário do amilenarismo que afirma que o reino milenar do messias se dá na esfera celestial, o pós-milenarismo entende, que sendo a prisão de satanás algo que acontece na terra – a fim de restringir a sua ação na terra –, não faria sentido se o milênio não fosse o reinado de Cristo sobre a terra desde o céu. Esse reino cresce durante o milênio – que é um período de tempo muito longo – e “coloca a Igreja num papel de transformar todas as estruturas sociais antes da segunda vinda, e lutar para trazer uma ‘Era Dourada’ de paz e prosperidade com grandes avanços na educação, artes, ciência e medicina”.¹⁰³

Uma passagem clara das Escrituras que descreve a ordem dos acontecimentos relacionados à segunda vinda de Cristo, e que a coloca no fim (após o que o pós-milenarismo define como milênio) a vinda de Cristo, é 1Co 15:24-25: “E, então, *virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés*”.

De acordo com esse texto, a vinda de Cristo marca o “fim”, a ressurreição geral ocorre no fim (Dn 12:2; Jo 5:28-29; At 24:15). As Escrituras nos ensinam que isso ocorrerá no “ultimo dia” (Jo 6:39-40; 44, 54; 11:24; 12:48). Fica claro também que não há nenhuma menção a uma era milenar com Cristo reinando literalmente na terra. A consumação de tudo chegará quando Cristo entregar o seu Reino (presente) ao Pai, “*Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés*”. Portanto, Cristo está reinando agora, desde os céus, “ele precisa continuar a reinar, precisa por os

¹⁰² ROGERS, Jay. “Pós-Milenarismo”. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/pos_milenarismo/apres-posmilenarismo_jay-rogers.pdf> Acesso em: 11/07/2014

¹⁰³ ROGERS, Jay., *ibid.*

inimigos sob os seus pés”.¹⁰⁴ É isso que ele faz através da pregação da igreja, da transformação da sociedade e da criação dos novos céus e da nova terra.

A diferença prática de sabermos que a vinda do Senhor se dará após esse período de prosperidade e vitória do evangelho em todo o mundo está na motivação de também sermos “construtores” desse Reino. De acordo com a cosmovisão pós-milenarista, a crença na vitória do evangelho antes da vinda de Cristo levará o cristão a agir de modo efetivo visando o estabelecimento do reino que abrange “todo o mundo de serviço cristão, não somente a igreja institucional”.¹⁰⁵

Esse também é o ensinamento do Cristo conforme a parábola contada por ele em Lc 19: 12-27. De acordo com o verso 13, onde Ele afirma: “*negociai até que eu volte*”, administração do mundo foi colocada nas mãos do seu povo. Isso significa que o mundo não pertence ao diabo, como afirmam as escatologias pessimistas. Desse modo, a igreja tem motivos de sobra para levar a mensagem do triunfo de Cristo a todas as nações, e ensiná-las a aplicar todo o conselho de Deus em todas as áreas da sociedade.

Outra parte importante da cosmovisão pós-milenarista é a sua crença na vinda gradual e paulatina do Reino de Deus em oposição às escatologias cataclísmicas. A vinda gradual do reino pode ser demonstrada com a chegada do Messias e o seu poder sobre os demônios e satanás durante o seu ministério terreno (Mt 12:28). O ensino de Cristo sobre o seu Reino esboçado no que ficou conhecido como “as parábolas do Reino”, expressam muito bem essa realidade.

Na parábola do semeador (Mt 13:3-23), Cristo identifica os que recebem a Palavra de Deus de maneira apropriada, dizendo que o seu número aumentará de forma extraordinária “a trinta, sessenta e cem por um”. Essa passagem está plenamente de acordo com as

¹⁰⁴ BOCK, 2005, p. 45

¹⁰⁵ NORTH, 1987, *ibid.*, p. 04

expectativas pós-milenaristas de um crescimento gradativo do Reino de Deus sobre a terra.

Na parábola do grão de mostarda. (Mt 13:31-33), Cristo discorreu sobre o grande sucesso do evangelho e do grande crescimento do seu Reino no mundo. A figura é inequivocamente de algo grandioso além das expectativas: um minúsculo grão de mostarda dá origem a uma árvore. O Reino se inicia com alguns poucos discípulos na minúscula nação de Israel, mas cresce e até ser a maior erva no jardim.

A parábola do fermento ensina que o evangelho se espalhará pelo mundo até que todo ele seja plenamente impregnado. Essa parábola, portanto, faz um paralelo com o sentimento da gloriosa expectativa pelo Reino de Deus que é expresso nas outras parábolas. O Reino vai impregnar tudo (Mt 13:33), vai ter um retorno centuplicado (Mt 13:8), vai crescer em grande estatura (Mt 13.31-32), vai dominar o campo/mundo. O mundo para o qual Cristo retornará será um campo de trigo e não um campo de joio (Mt 13:30). Ou seja, haverá um desenvolvimento incrível do Cristianismo no mundo antes do retorno de Cristo.

Em decorrência desse ensino, a cosmovisão pós-milenarista tem um incentivo para trabalhar pela implantação do Reino de Deus. Já vimos como a crença alarmante no arrebatamento secreto pode ser um fator inibidor para que os cristãos não se envolvam em nenhum projeto que vise à implantação do Reino de Deus em nosso planeta. Como bem afirmou Robinson Cavalcante, “a expectativa das coisas futuras nos conduz a uma inação diante das coisas presentes; a realização na pós-história nos faz perder o sentido da história”.¹⁰⁶ Ao

¹⁰⁶ CAVALCANTE, Robinson. **Cristianismo e Política**: teoria bíblica e prática histórica. Viçosa: Ultimato, 2002, p. 12.

contrário dessa visão pessimista, o pós-milenarismo nos fornece uma base sólida para a nossa ação na sociedade, visto que não precisa viver alarmado e sob constante ameaça de que esse mundo será subvertido a qualquer momento.

O próprio Cristo deixou claro (no que diz respeito à parousia) que sua vinda não seria iminente. Textos como Mt 25:5 “E, *tardando o noivo*”, Mt 25:14, 19 “*Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos*”, se encaixam perfeitamente na cosmovisão pós-milenarista de que teremos o tempo e o estímulo necessários para expandir o Reino de Deus até a sua plenitude.

Conclusão _____

Foi nosso objetivo, durante todo esse trabalho, demonstrar por quais razões os cristãos se engajam ou não, na sociedade. Também foi uma pressuposição nossa, afirmar que essas razões se encontram no que chamamos de cosmovisão escatológica. Por esse motivo, demonstramos desde a introdução, quando mostramos a importância das cosmovisões, quais as consequências práticas advindas das mesmas.

No primeiro capítulo, observamos como a doutrina do arrebatamento secreto (que é uma parte importante da cosmovisão pré-milenarista dispensacionalista) é uma das grandes responsáveis pela postura de alienação presente no evangelicalismo moderno. Denominamos essa postura de “espiritualização” ou desejo exacerbado pelo mundo espiritual, uma espécie de gnosticismo moderno. Analisamos as consequências práticas, não somente do apego a essa doutrina, mas também – ainda que de forma sintética – de todo o sistema pré-milenarista dispensacionalista.

No capítulo dois, observamos como a nossa noção de “Reino de Deus” é capaz de afetar diretamente a nossa ação no mundo. Examinamos a ideia de reino futuro, presente no pré-milenarismo (seja ele histórico ou dispensacionalista), bem como as consequências advindas dessa cosmovisão. Demonstramos como a crença no estabelecimento de um reino futuro é capaz de produzir nos cristãos uma atitude de ojeriza para com o engajamento em qualquer área da sociedade, sob o pretexto de que esse mundo pertence a Satanás.

Também examinamos a ideia de reino espiritual, proposta pelo amilenarismo. Constatamos como essa visão de um reino localizado – seja no céu ou no coração dos crentes – também é responsável por uma postura de acomodação e até mesmo de indiferença dos cristãos para com a questão do engajamento social.

Finalmente, expomos a visão pós-milenarista de um reino presente. Observamos como essa crença é coerente com o estabelecimento do milênio no primeiro advento de Cristo, tendo em vista que satanás foi preso quando da sua primeira vinda. Analisamos também a questão do gradualismo desse reino, em oposição à ideia de um estabelecimento cataclísmico. E, assim como fizemos com as outras posições, tratamos de mostrar as consequências práticas dessa cosmovisão.

No terceiro capítulo tratamos de expor a cosmovisão pós-milenarista. Partimos da história dessa posição, fundamentação bíblica e principais doutrinas. Também verificamos como cada aspecto doutrinário dessa cosmovisão tem implicações práticas, o que leva, necessariamente, os cristãos ao engajamento social.

Sendo assim, esperamos que, de alguma maneira, esse trabalho sirva às gerações futuras e, principalmente, para que tenhamos uma atitude ativa no mundo e em favor dele. Pois, os novos céus e a nova terra já foram iniciados na ressurreição de Cristo e foi do seu agrado que nós fôssemos os seus agentes no estabelecimento e desenvolvimento dessa realidade.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

BLANK, Renold J. **Escatologia do Mundo**: O projeto cósmico de Deus. São Paulo: Paulus, 2001.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Tradução de Odayr Olivetti. 2ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

BOCK, Darrel L. **O Milênio**: Três pontos de vista. Tradução de Victor Deakins. São Paulo: Vida, 2005.

CAMPOS, Heber Carlos de. **A posição Escatológica como Fator determinante do Envolvimento Político Social**. In. Fides Reformata, volume 3, n. 1, p. 17-37.

CALVINO, João. **Comentário dos Salmos**, volume 1. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos, SP: Fiel, 2009.

CAVALCANTE, Robinson. **Cristianismo e Política**: teoria bíblica e prática histórica. Viçosa: Ultimato, 2002.

CHILTON, David. **El Paraíso Restaurado**: Una teologia biblica do señorío. Tyler, Texas: Dominion Press, 1999.

CROSBY, Jonathan. **“Um Será Levado”**. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/preterismo/um-sera-levado_letgodbetrue.pdf> Acesso em 16/07/2014.

_____. **“Este Mundo e o Reino de Deus”**. Disponível em:<http://www.monergismo.com/textos/adoracao/este-mundo-reino-Deus_bahnsen.pdf> Acesso em 07/06/2014.

KOENING, Don. **“Franklin Graham Gives the Gospel with Material aid rather than waste God Resources”**. Disponível em: <http://www.thepropheticyears.com/wordpress/franklin-graham-gives-the-gospel-with-material-aid-rather-than-waste-gods-resources.html>> Acesso: 02/01/2014. tradução minha.

EINWECHTER, William. **Uma Fé Conquistadora**. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Brasília: Monergismo, 2009.

_____. **“Implicações Práticas do Pós-milenismo”**. Disponível:<http://www.revistacrista.org/Artigos/As%20Implicacoes%20Praticas%20do%20Pos-Milenismo_Por%20William%20Einwechter.pdf> tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Acesso em 01/03/2013.

_____. **“Children and Dominion Mandate”**. Disponível em:<<http://darashpress.com/articles/children-and-dominion-mandate>> Acesso em 18/12/2013.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da igreja Cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990.

ERICKSON, Millard J. **Escatologia**: a polêmica em torno do milênio. 2ª edição. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2010.

_____. **Introdução à Teologia Sistemática**. Traduzido por Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FERREIRA, MYATT. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GENTRY, Kenneth. **He Shall Have Dominion**. Tyler, Texas, 1992.

_____. **The Greatness of the Great Commission**. Tyler, Texas, 1993.

_____. **Pós-milenarismo para Leigos**. Tradução de Rogério Portela. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2014.

GRONINGEN, Gerard Van. **Criação e Consumo**. volume 1. Tradução de Denise Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

_____. **A Família da Aliança**. Tradução de Betânia F. da Silva & Maria Priscila Barros. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

HAGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Tradução de Mário L. Rehfeldt & Gradis knak Rehfeldt. 6ª ed. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1999.

HANCO, Herman. “**Amilenismo**”. Disponível em:

<http://www.cprf.co.uk/languages/portuguese_amillennialism.htm#U5tCq5RdWHI> Acesso em 13/06/2014.

HARRIS, R. Laird. et.al. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HENRY, Carl F. H. **The Uneasy Conscience of Modern Fundamentalism**. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 1947.

HOEKEMA, Anthony. **A Bíblia e o Futuro**. Tradução de Karl H. Kepler. 2ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

_____. **“Entendendo o Amilenismo”**. Disponível em: <<http://www.amilenismo.com/2011/12/entendendo-o-amilenismo.html#more>> acesso em 07/06/2014.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. Tradução de Ricardo Golveia e Paulo Arantes. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Jr. São Paulo: Hagnos, 2003.

LEITHART, Peter. **“The Kingdom of the Parables”**. Disponível em: <<http://trinityhouseinstitute.com/the-kingdom-of-the-parables/>> Acesso em: 19/06/2014.

NASH, Ronald. **Cosmovisões em Conflito**. Tradução de Marcelo Herberts. Brasília: Editora Monergismo, 2012.

NORTH, Gary. **The Dominion Covenant**. 2ª ed. Tyler, Texas: Institute for christian economics, 1987.

_____. **Sovereignty and Dominion: An economic commentary on Genesis**. 3ª ed. Dallas, 2012.

_____. **Heredarán la Tierra: Esquemas bíblicos para la economía política**. Tyler, Texas: Institute for christian economics, 1988.

OBERST, Abby. **“Comision”**. Disponível em: <<http://www.contramundum.org/castellano/oberst/comision.html>> Acesso em: 30/12/2013 acesso em 12/04/2014.

PENTECOST, J. Dwight. **Manual de Escatologia**. Tradução de Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Editora Vida, 1998.

PIPER, John. **Alegrem-se os Povos: a supremacia de Deus em missões**. Tradução de Rubens Castilho. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PRONK, Cornelis. **Neocalvinismo: Uma avaliação crítica**. Tradução de Josafá Vasconcelos. São Paulo: Os Puritanos, 2010 (Edição Kindle).

RIDDERBOS, Herman. **A Vinda do Reino**. Tradução de Augustus Nicodemus Lopes e Minka Schalkwijk Lopes. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

ROGERS, Jay. **“Pós-milenismo”**. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/pos_milenismo/apres-posmilenismo_jay-rogers.pdf> Acesso em 11/07/2014.

RUSHDOONY, R. J. **O Plano de Deus para a Vitória**. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Brasília: Monergismo, 2008.

_____. **Systematic Theology**. volume 1. Vallecito, California: Ross House Books, 1994.

_____. **Institución de la Ley Bíblica**. Tradução de Miguel A. Mesías. The Craig Press, 1973.

RYRIE, Charles C. **Teologia Básica**. Tradução de Jarbas Aragão. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

_____. **Dispensacionalismo: ajuda ou heresia?** Tradução de Elizabeth Charles Stowell Gomes. São Paulo: A.B.C.A.R., 2004.

RYKEN, Leland. **Santos no Mundo**. Tradução de João Bentes. 2ª Ed. São José dos Campos, São Paulo: Editora Fiel, 2013.

SANDLIN, Andrew. **“O Caráter do Reino de Cristo”**. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/andrew-sandlin/o-carater-do-reino-de>

cristo/> Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Acesso em: 19/06/2014.

SCHWERTLEY, Brian. **A Ilusão Pré-Milenista**. Tradução de Marcelo Herberts. Brasília: Editora Monergismo, 2006.

SELBREDE, Martin G. **“O Impacto de Rushdoony sobre a Escatologia”**. Disponível em:

<http://www.monergismo.com/textos/escatologia_reformada/impacto-rushdoony-escatologia_martin-selbrede.pdf> Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Acesso em: 02/07/2014.

SIRE, James W. **Dando nome ao Elefante**: cosmovisão como um conceito. Tradução de Paulo Zacharias e Marcelo Herberts. Brasília: Editora Monergismo, 2012.

UTTINGER, Greg. **Um Mundo Totalmente Novo**: o evangelho de acordo com apocalipse. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Brasília: Editora Monergismo, 2009.

VAN HORN, Leonard T. **Estudos no Breve Catecismo de Westminster**. Tradução de Hope Gordon Silva. Recife: Os Puritanos, 2009.

WRIGHT, N. T. **Surpreendido pela Esperança**. Tradução de Jorge Camargo. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2009.

_____. **A Ressurreição do Filho de Deus**. Tradução de Eliel Vieira. Santo André: Academia Cristã & Paulus, 2013.

_____. **Paulo: novas perspectivas**. Tradução de Joshuah de Bragança Soares. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **Eu Creio. E Agora?** Tradução de Cláudia Ziller Faria. Viçosa, MG: Ultimato, 2012.

